



A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO PARA A FAMILIA

N.º 2

30 de Janeiro de 1884

XIII Anno

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

CORTE, um anno 12 \$000
PROVINCIAS, um anno 14 \$000

EDITORES-PROPRIETARIOS:
LOMBAERTS & COMP.

Agencia Geral para Portugal:
Livraria ERNESTO GUARDON—Porto

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

CORTE, um anno 12 \$000
PROVINCIAS, um anno 14 \$000

CHRONICA DA MODA.

As costuradeiras não se devem queixar neste momento, e não de dezembro mostramos nos tão contrario que as nossas elegantes tiveram de encomendar novas toilettes mais confortaveis ainda que as que já estavam preparadas desde o começo da estação.

Isto e com toda a certeza uma coisa muito boa que permite seguir a moda de uma maneira exacta n'uma época em que os modelos de inverno adoptados por todos trazem uma especie de afrontamento muito prejudicial aos interesses communs. Eis nos chegados assim a uma época em que as rennias da noite vão ser mais brilhantes; os jantares de familia são os primeiros a esta ordem, raramente proximo dos paes toda a familia, preparando-se n'elles novas rennias que são o preludio dos sarais e dos bailes dados em honra das festas de familia. Não fallarei hoje das altas novidades da estação com respeito as fantasias e aos estofos para a noite, porém desejo collocar aqui uma relievo que me suggeriram as toilettes de baile preparadas para as primeiras festas. Em primeiro lugar os feitios parecem pouco mais ou menos os mesmos e poder-se-hin quasi supor que a moda ficou d'esta vez absolutamente estacionaria, no entanto se nos transportarmos um anno atraz e se olharmos para as gravuras actuaes encontrase uma muito grande mudança; este anno os feitios são mais variados, mais justos, as lincias mais leves, mais garbadas, tendo certas garantias e accessorios indeliravelmente desaparecido. Este anno, os jalls e os apunhados atraz agustam-se ao corpo, ao qual parecem pertencer, tornando-se por esta disposição com mais equaldade, mais homogeneidade, etc. a maior parte das toilettes e costumes. Indicarei entre outras cousas, os pañiers que tem muito successo, mas que se fazem mais compridos, mais folos, juntam-se atraz por baixo do primeiro arregaço do puff obtendo assim uma extensão e um gosto, que os modelos anteriores não tinham.

golia, n'isto consiste a boa maneira de trabalhar, essa parte da toilette que tem sempre sido um serio escolho para as costuradeiras laieas.

espartilhos que juntam a elegancia do corte, certas qualidades hygienicas muito uteis. Do espartilho depende a boa qualidade fizeram a reputação do espartilho, chamado sultana; delgado e flexivel, presta-se a todos os movimentos do corpo, apresentando bastante segurança para permitir de segurar as fhaçgas sem as apertar.

Pouca coisa direi das confections; as nossas assignatas tiveram neste genero tantos modelos diferentes, que as minhas explicações seriam superfluas, somente tenho a notar que todos os bellos modelos são fhaçados com um tecido de seda, os mais leves acedilhados e as pelles ficam em grande voga durante a estação, as melhores são as mais procuradas; com ellas se mistura rica passamanaria, bordados, franjas e adornos de fhaço, o que produz certa elegancia muito procurada. Os feitios das confections permanecem os mesmos e feiticivista e ainda muito procurado, somente as mangas differem, seja pelo corte, seja pela largura; mais enfim, pouco mais temos que este modelo parece mais ou menos comprido e farto. Vem-se ainda algumas sobrecasacas, mas fazem parte do costume, são muito ricas como tecido e pouco carregadas de guarnições. Lincias egualmente para as meninas, de alguns modelos justos, pelotes, casacos, etc., pouco ou quasi nenhumas guarnecidas e bordadas com numerosas ordens de pespantes com terçal sortido.

Esta conversação resumio pouco mais ou menos as nossas chronicas antecodantes, a moda ficara estacionaria ate a proxima primavera, porém durante este tempo, nos que temos sempre como dever sermos agradaveis as nossas leitoras procuraremos elucidar um segredo os primeiros e novos modelos para o verão, dos quais fallaremos logo que tenham sido adoptados pela suprema conselho das authoridades competentes nesta materia.

Terminarei hoje esta chronica, aconselhando as minhas leitoras a lindissima toilette de sarai, que se faz de setim de cor, guarnecida com roudas largas de egual matiz e da qual encontrareis a descripção no desenhado 72 de actual numero, esta toilette é uma das mais bellas que tenho visto no presente estahio, creio portanto



1. Toilette com puff arregaçado. Fhaço de desenho 29.

2. Costume fechado em vriez para menina. Costas de desenho 38.

3. Arrelo para brinquedo. Fhaço de desenho 40. Vriez para menina. Costas de desenho 38.

4. Costume blusa plissa, para rapaz.

5. Costume blusa plissa, para rapaz.

de corpos são sempre justos ao talhe, n'isto não mudam, porém os colletes deixaram o lugar aos plasters, rufados, e colletes, folos, tanto para o costume do passeio como simples, que para as toilettes de gala e cerimonia. Os pespantes collerinhos curtos, chamados collerinhos officiaes, alçam-se para os hombros, porém sempre altos, levantam a

Carilindas n'estas poucas explicações, as nossas leitoras podem ficar persuadidas que a questão do espartilho e especialmente a da fhaço, são sempre as mais importantes da toilette das senhoras. Recomendando as minhas leitoras certos

ser-lhes agradavel recommenda-las. No nosso proximo numero tera o gosto de conversar com as minhas raras leitoras, a respeito de penteado, aconselhando-las como de costume.

1 a 5, 26, 59, 73 a 75 e 88. Toilettes casca-
ras, para senhoras e creanças.

1 a 59. Toilette com puff arredondad.
Esta toilette faz-se de panno branco, com collarinho
direito e reversos de
mangas de velludo
mais escuro; a parte
inferior da saia e
guarnecida com pro-
cessos estreitos, colre-
samente com fitas de
panno, cortadas sobre
14 cent. de altura, re-
cortadas em dentes e le-
vemente franzidas. Os
dois panthers são ta-
lhados sobre 100 cent. de lar-
gura e 96 cent. de altura,
são franzidos, ajustado na
entרה e levemente arrega-
das adante. O arrego atraz
tem 100 cent. de comprimento
e 200 de largura, e plisse
com grandes pregas duplas e
segura ao corpo por baixo de um
ornamento de panno. Guarneci-
o passamanaria em volta do
collarinho.

2 e 88. Costumo fecha-
da em vriez, para menina.
A tira do hombro faz-se re-
donda ou quadrada, coberta
com um rufado, ajusta-se
n'ella o vestido plisse atraz.
A saia e plisse e a liza ar-
ragada acuda por baixo de
em laço de cada lado dos
franzidos atraz. Guarneci-
e laços de velludo.

3, 73 a 75 e 26. Arrea-
cas para brinquedo. Cro-
chet no trabalho de toadura.
Cada uma das nossas leitoras
podera executar os arreios,
desenho 3, que se organizam
de modo a não impedir os
movimentos da creança, fe-
cham atraz com uma fivella
de lizo, faz-se de malha, de
crochet, tecidos a nito com
lá de diferentes cores. As
fitas que compõem o nosso
miolo tem 4 centímetros de
largura, preparam-se 10 m.
de lá de Hamburgo, encarna-
da e faz-se a crochet tinteiro
o trabalho que se guar-
nece depois com uma volta
de m. apertadas de lá de or-
gramada. O desenho 73 re-
produz em tamanho natural
o motivo de crochet, as heu-
brinhas tem 75 cent. de com-
primento, e entre 68 cent.;
as outras tiras deixam-se mais
ou menos compridas conforme
helle. Podem guarnecer-se com lentejolas,
cosidas, perolas, com um bordado a ponto

de cruz, sem arregas,
campuzas, etc. As re-
doas tem 35 cent. de com-
primento e são
fixadas dos dois
lados do centro, são
guarnecidas egual-
mente com guin-
zozos, lentejolas,
fazem-se
com duas
moltzas
de lá cas-
tar sempre
malha, a parte
trazida em
crochet, o prime-
ro genero conta 17
fios, 1ª volta; 1 fio
levantado, 1 abaixado, 2ª
volta liza, 3ª volta; 2 levan-
tados, 1 abaixado, 1 levantado,
1 abaixado, 1 levantado, 1 abaixa-
do, 2 levantados, 3ª volta liza, 5ª
volta como a primeira.

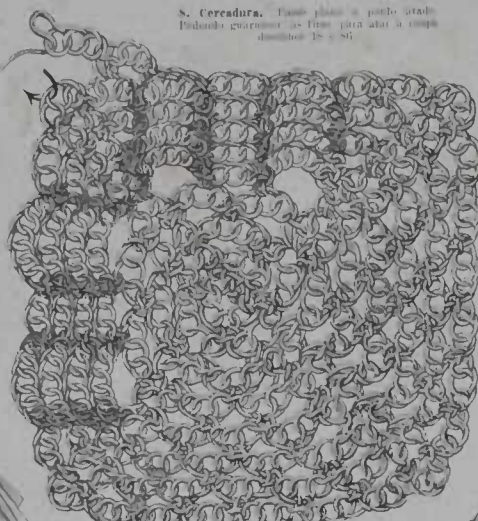
4. O costume com blusa plisse,
para rapaz. O forro da blusa e
ajustado e as pregas do nosso modelo
que
abomta
mlembu-
to, são
fritas
na fr-
zenda

de cima, faz-se com panno azul ferrite.
Fazem-se duas pregas de 2 cent. de cada lado des
botões adante e tres pregas atraz, a pala tem
12 cent. de
largura e
cinto 4 cent.
o malha
talha-se
sobre 5 cent.
a algiobra
os reversos
das mangas
tem 7 cent.

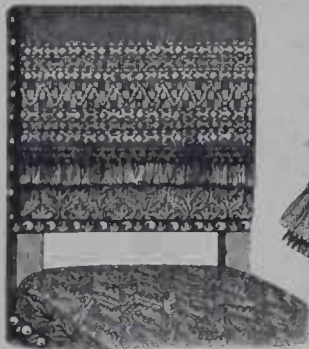
5. Cos-
tume com
jaqueta O
que o plis-
mas, faz-se



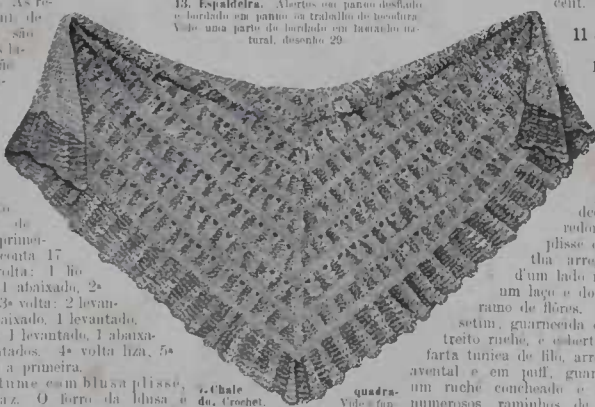
8. Cercadura. Tendo plissado o ponto grande.
Fidando guarnecido as fitas para abar a compa-
dimensão 18 e 86.



6. Fundo do chale desenho 7. Crochet.



13. Espaldreira. Abertos em panno dobrado
e bordado em panno de trabalho de toadura.
Vede uma parte de bordado em lastracho na-
tural, desenho 29.



7. Chale. Vede fun-
do em lastracho natural, desenho 6 e
a rentá, desenho 17.

de velludo escuro, a valles curta e apertada por
baixo do peullo; a collete n'ella compõem a
ate baixo e a jaqueta n'ella, guarnecida com
um galho nas algiobras feitas com um galho.

A gravata, de fron-
lard, de cor clara,
semada esta pinda
da cor do velludo.
Moças de soda e
sapatos de fivella.



10. Fichú de fros.

6, 7 e 17. Chale de crochet.

Moltras, 35 grammas de 15 cent.
branco, 10 grammas de 15 de cor.

Uma ponta a outra tem
este chale 126 cent. de com-
primento, do lado direito tem 8
cent. e de duas vistas, isto e não
apresenta e mesmo desenho dos
dois lados; um d'elles forma escamas al-
ternadas com riscas, o outro e lizo. Prin-
cipalmente no meio por 1 m. de ar, retidas
em anel por 1 m. apertada, 1ª volta,
4 dentes de 3 m. no ar, 1 m. apertada,
2ª: 8 dentes dos quaes 2 sobre cada an-
gulo, e continua-se do mesmo modo ate
que o trabalho fique bem quadrado. De-
pois de 4 vol-
tas, faz-se d'um
lado o trabalho como e indaga-
do do outro; dentes de 8 m. no ar
e 1 m. apertada alternada com
dentes de 3 m. no ar, com
mostra o nosso desenho 6 e em
tamanho natural. O motivo
4 voltos que se separam
voltas de m. apertadas, de
do que, se torna a prin-
teudo encade de conserva-
reda a cada um dos angulos
modo que o chale fique por-
tamente quadrado. Podem-
se tam alargar as riscas a modo
que se alistar do centro. A
da, desenho 17, faz-se com
branco ou de cor; a que es-
mos e amarello claro, conta
voltas e a mesma conta de dentes
de 8 m. apertadas e 3 m. no ar.

9. Laço bofe.

Disposto-se em cima de uma
de filo forte de 12 cent. de com-
primento e 5 cent. de largura; a qual
que tem 11 cent. de comprimento
forma dois loques plissos com
laços de velludo com
santos chimizes. Estes laços
dos poder tambem fazer-se
setim ou de ottomano.

10. Fichú de fros.

As duas bordas em
barinho fechado atraz
se de setim, seguras por
filo forte, colpe-se com
de fros, colpe-se com
de altura, cosida em cima do fichú
filo; termina-se em laço e fichú
por um laço de fitas de setim de 14

cent. de largura.

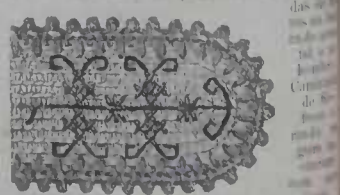
11 e 12. Duas toilet-
tes de baile.

11. Toilette guar-
necida com ram-
midos de flo-
res. O cor-
po em pon-
ta adante
e atraz, faz-
se de setim,
guarnecido no
decote cortado em
redondo com um
plisse e com uma
berta arregada segura
d'um lado no hombro por
um laço e do outro por um
ramo de flores. A saia, de
setim, guarnecida com um es-
treito ruche, e coberta com uma
farta tunica de lizo, arregada em
aventall e em puff, guarnecida com
um ruche conchado e segura por
numerosos raminhos de flores. O
corpo ata atraz; as nossas leitoras com-
pre-
hendo
río por-
lita-
mente
que po-
dem fazer esta toilette de todas as cores da
de flores. Este modelo fizesse metade de cor
e filo-fros, com guarnecidos de rendas e de gra-
das de



15. Saia com arregas em avante. A parte
de setim 60. Vede a saia do modelo de desenho 10.

12. Toilette guarnecida com grun-
do de flores. Este modelo fizesse metade de cor
e filo-fros, com guarnecidos de rendas e de gra-
das de



18. Tira para aliar a roupa. Bordado a
ponto de cruz em crochê, cor. Vede a
fortificadora desenho 30, 31 e 32.

1. Bordado sobre velludo lavrado para o chifrella desenho 21.

13 e 29. Espaladeira.

Abertos sobre panno desfiado e bordado em panno ou trabalho de tecedura.

Podisse fazer este trabalho em panno desfiado ou encostado em tiras de tecedura a mão, ou ainda em talagana de lá bordada com retroz d'Argel a ponto braçado, contendo os fios, o que forma um duplo motivo sem avesso. Os abertos são seguros por um fio de retroz d'Argel e com um fio d'ouro que ata os grupos. A franja que guarneca a beira da espaladeira tem 8 cent. de altura.

15, 60 e 65. Saia com arregaço em vestal.

O desenho 60 mostra a frente desta saia arregaçada com paninho muito comprido, tallados conforme o desenho 65 que reproduz o esboço do modelo, em tamanho reduzido. A parte a mostra a frente plisse na cintura e ao lado, e a parte b reproduz a metade do puff e as pregas que o arregaçam. A dupla prega debaixo da qual a saia o arregaço emprega 60 cent. de tecido; o resto da saia programa-se com pregas planas.

19 e 20. Quadro bordado.

O fundo faz-se de couro polido, gravado, e o quadro de papelão coberto com pellica azul guarnecida com applicações de setim cor de ouro antigo, dispostas como o indica o nosso desenho 19, que dá a quarta parte em tamanho natural, seguradas com um fino traçado d'ouro e guarnecidas de pontos de liaste e pontos ligados, de retroz d'Argel



20. Quadro bordado. Vista a quarta parte de bordado em tamanho natural, desenho 19.

21 e 23. Bolsa para tabaco. Couro recortado.

O desenho 23 reproduz em tamanho natural, uma parte da bolsa para tabaco, desenho 21, que se executa em couro. É um trabalho fácil, em lacerro ou pellica natural, forrando-se com pellica (traja muito fina) ou com seda. Para fazer a bolsa que reproduzimos, necessitam-se de um pedaço de couro de 43 cent. de diametro que se prega levemente em cima de uma talua, tirando-se a parte de cima, depois de se ter levemente molhado o avesso. Fecha-se a bolsa com uma corrediça. Este genero de couro recortado pode servir para cobrir caxins lindissimos tamboretos redondos. Vede os desenhos 70 e 101. Todos os motivos de gravura feitos no couro e no estanho podem ser re-



21. Execução da correnta entrançada para o bolso, desenho 22.

27 e 16. Bordado para chinella.

Applicações de velludo em cima de panno, ou trabalho sobre velludo lavado. O fundo faz-se ordinariamente de panno; as applicações de pellica ou velludo são dispostas em cima do panno por meio de um traçado d'ouro, prata, ou ponto d'liaste, ou com uma souteche estreita, o qual se 27 mostra o esboço do bordado e o desenho 16, uma parte do desenho em execução.



19. Bordado com applicação, para o quadro, desenho 20.



24. Estojo para meter as agulhas de crochet.



21. Bolsa para tabaco. Fechada. Couro recortado. Vede a quarta parte do trabalho em tamanho natural, desenho 23 e a bolsa aberta, desenho 22.



25. Execução da correnta entrançada para o bolso, desenho 22.

28. Fundo de tapeçaria para chinellas, almofada, etc.

Este ponto muito estivo comprime-se em quadrado quatro partes do tecido, e nosso desenho 28 mostra a execução d'elle, enviada para os motivos de gravura d'aquelle que reproduzimos, formando quadrados, xadrezes ou ripados.

32 e 25. Corrente para relogio, de esmalto entrançado.

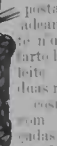
O desenho 25 reproduz em tamanho natural, a franja em execução e indica o modo de introduzir em duplo cada um dos dois fios para que fiquem regularmente enlaçados. Esta corrente serve para relógio, se se fizer em azul, poder-se-ia applicar a uma coroa ou a uma menina para a primeira communição. Os adornos encontram-se já feitos em passamanaria; podem-se tambem cobrir, com in- apertadas ao crochet; atase n'uma das extremidades um porta-mosquetão para segurar o relógio.

36 e 37. Dous toucas, para senhora d'idade.

36. Touca guarnecida com fitas. A pala desta touca tem 42 cent. de comprimento e 3 cent. de largura; faz-se de lilo forte apertando-se n'elle o fiavel que forma a rede; e segura atraz com um elastico. O nosso modelo o guarnecido com renda branca de 7 cent. de largura, semelhante no fundo a disposta aban- posta aban- te n'um parte largo boite com duas pontas rosadas pe com pe. La- gadas de setim se- rão dispostas nos



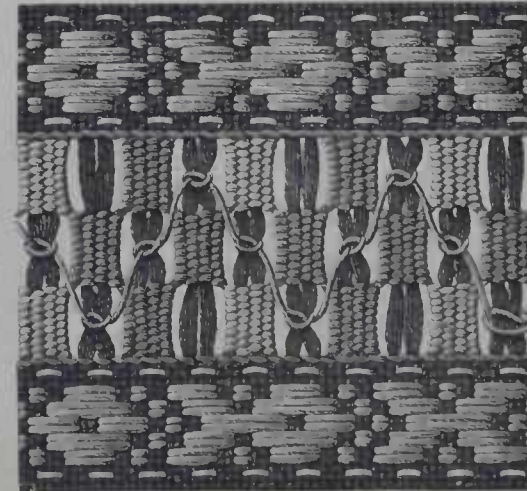
22. Desenvolvimento da bolsa para tabaco, desenho 21. Couro recortado. Vede a quarta parte do trabalho em tamanho natural, desenho 23.



26. Execução do traçado ao crochet, desenho 21.



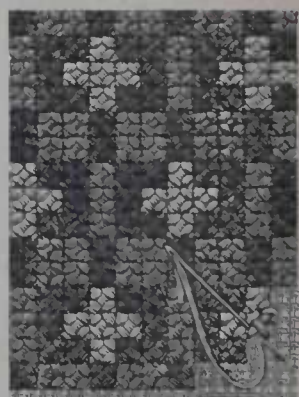
23. Quarta parte do motivo recortado em couro, para a bolsa, desenho 21 e 22.



29. Abertos em panno desfiado e bordado para a espaladeira, desenho 13.

38 a 40, 14 e 66. Costume guarnecido com pelles, para menina.

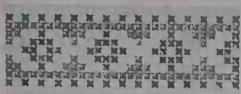
A saia de pellica azul ferrete acaba por um plisse de seda de 18 cent. de altura, podendo-se guarnecer como o indica o



28. Fundo de tapeçaria, para chinellas, almofada, etc.

desenho 14, com tres pregas de 13 cent. de largura. O esboço fig. 66 dá o molde da tunique arregaçada, guarnecida de um lado com uma tira de pelles de 8 cent. de largura, e arregaçada conforme cruz e pontos. O corpo comadua aberto no alto, em cima de um collete fechado, e guarnecido de pelles. Reversos de pellica e pepinos botões vellosos muito proximos uns dos outros para fechar o corpo adiante.

93. Manto-visita. (Para o molde vede as desenhos 54 e 55 do to 22.) As costas d'este pedo são plisse desde o pescoço, a prega dupla e larga realia na cintura, formando depois a roda da saia. A parte superior da manga tallase com as costas, sendo a parte inferior acrescentada e independente. O nosso desenho 39, de pellica de seda castanho e bordado de setim e guarnecido com uma passamanaria de azoviche ou com bordado à machina e bordado com uma larga tira de pellica.



As mangas são costidas e bordadas de mesmo modo que o corpo.

40. Mantimento com fitas e flores para a festa de casamento.



32. Carreante para relógio, com fitas e pedras preciosas. Valor para fazer um carrão de desenho 2.



33. Bata de flores para a festa de casamento.

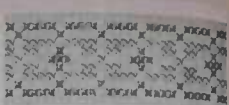
35. Chinelos pespontados, bordados em fitas e pedras preciosas.

Esta fita é uma novidade de corral ou de casamento.

43. Romeira de renda.



31. Cecedora estrota, para fazer a festa de casamento.



31. Cecedora estrota, para fazer a festa de casamento.

na. (Para o molde vide no desenho 11 e 32 de no 22 de maio passado.) A mesma faz-se em uma costura no hombro, tem a blusa alta, para-se com setim e borda adentro por um duplo botão. Rega de polles. Larga guarnece-se em toda das mangas e nos abrigos de muni-fati primozes, adotando de baixo adentro e plissé um grande pregas atre.



41, 67 e 98. Cesto para papéis, guarnecido de bordado persico. Este modelo é o original com 41 cent. de altura, assimellandose ao vaso Medius; fosse de vidro entrançado e muito ricamente guarnecido com a cecedura reproduzida em tamanho natural e esculpida sobre panno de Java ou crono com retraz d'Angel e fio d'ouro. Os contornos são orlados de um fio d'ouro ou com um ponto de cadeia de torçal, as listras fazem-se a ponto entrançado. As grandes flaps de bordado fazem-se em vermelho de Bordens e azul ferrete, as flores pagenas d'uma outra cor; as folhas e as listras em diversas matizes cor de azoena verde. A guarnição de pedura cor de azoena costura-se em vez sobre 20 cent. de largura, o lambrequim com dentes e os pompoms são das cores empregadas para o bordado, o alto do cesto e as azellas são guarnecidas com um cordão d'ouro e adorno de

30. Toca guarnecida com fitas, para festa de casamento.



32. Toca com pontos de renda, para festa de casamento.

44. Avental guarnecido de bordado a ponto de cadeia. Este avental é de tabacaria estamella e madeira, bordado no com torçal mais ornado malda. Guarnecido com pedras preciosas a roda de em meio de pregas espidas, e se des dois lados a fita de tura.

45. Avental bordado a ponto de cadeia. Tem 65 cent. de comprimento e 61 cent. de largura; com satimete azul guarnecido com um listro bordado de diferentes corantes, cor de granada, casto e ponto de festão e guarnição a parte superior do avental duzida por meio de franza.



42. Fichú bofe.

38 e 40. Toilettes de passeio, para senhoras e creanças. Rs. Este modelo guarnecido com pedras preciosas. Valor a sair de cada 14 e o escho do molde de 6 sentos 6.

38. Manteo-clislu. Para o inverno, feito de lã de castor, com 54 e 55 de no 22 de 1883.

40. Manto com molde, para menina. Para a moda de os desenhos 31 e 32 de no 22 de 1883.

42. Fichú bofe. O decote d'este modelo é aberto em quadrado e guarnecido com fitas formando corollas a dupla renda franzida e no fichú que cobre a ponte d'este corpo que arregan um pouco conforme o gosto sobre o fundo de filo, fechado com laços de velludo ou de setim. Qualquer das nossas leteras podera modificar ao seu gosto este grandiosissimo modelo que completa do modo e



41. Cesto para papéis, guarnecido com bordado persico. Vidro esculpida em tamanho natural, desenho 15 e o doito de lambrequim, desenho 67.

26 cent. de largura e o corollas em 5 cent. de altura; a cintura ajustase por laço de dois laços de fitas. O bordado tem 40 cent. de altura.

48 e 94. Duas toilettes de passeio, para creanças de 3 a 7 annos.

48. Faldão guarnecido com astrakan. (Para o molde vide os desenhos 51 e 52 de no 22 de 1883.) O paletó que o mesmo desenho reproduz faz-se com panno sem avesso, azul ferrete, guarnecido com tiras de astrakan cinzento, a manga faz-se com



43. Romeira de renda.

mesmo ponto, trabalhando pela fita de 26 do lado que nunca fechamos. Tem 16 cent. e situa-se a 1/2 da das pedras somente 2 cent. de fio de pedras em baixo das mangas e de lado as algibeiras, gorna de veludo e pedras.

49. Paletó guarnecido com pompons. Para o molde veja os desenhos 50 e 54 do n. 22 de 1883. O chapim, o regalo e o vestuário são de pelúcia loura e as guarnições e fôrro de seda glace encarnada e ouro antigo. Cortase o paletó por um dos moldes indicados acima, cruza adante e fecha por meio de almanos de trança-lim guarnecidos com pompons de seda do mesmo modo que o regalo e o chapim.

50 a 54. 56, 58 e 72. Toilettes de baile e de cerimonia.

50, 58 e 72. Toilette com saia tríplice. (Estado do molde, desenho 72.) A saia faz-se de setim cor de ouro antigo, renda do mesmo matiz, setim castanho e tira de passamanaria. Os nossos desenhos 50 e



48 e 49. Duas toilettes de passeio, para creanças de 3 a 7 annos. 48. Paletó guarnecido d'astracão. Para o molde veja os desenhos 51 e 52 do n. 22 de 1883. 49. Paletó guarnecido com pompons. Para o molde veja os desenhos 50 e 54 do n. 22 de 1883.

50 mostram a frente e as costas d'esta toilette elegante e de saia tríplice, adornada com guarnições e passamanaria, e aberta de lado em cima de outra saia guarnecida com fitas de renda trançada. O corpo é fechado ab'costa, com mangas muito compridas, ab'costada com renda trançada e guarnição de passamanaria. Conchada de renda na frente do corpo; plisse de renda nas mangas e no pescoço.

51. Toilette com saia guarnecida. O nosso modelo fazer-se-ha de gaze, de cassa ou de tarlatana, e muito moderno e aconselho-as minhas leitoras. Folhas sobrepuestas guarnecem a saia, machando o ultimo na cintura. O corpo sera mais ou menos decorado conforme o gosto, franzi-do e formando no decote uma calça rotada. Lixas muito compridas com altos punhos rotados, e adereços de flores ao lado no corpo e no pescoço. Não esquecido que o corpo franzi-do deve ser disposto em cima de um forro justo.

52. Toilette com cauda arragada. O corpo ou parte faz-se de pelúcia azul claro com comprida cauda de filé azul e tarlatana amarelo-claro. Para a guarnição os rotados tem 15 e



45. Avental bordado em setim. 46. Laço de gravata, de veludo preto e setim.



4. Avental guarnecido com bordado a ponta dos bordados.

6. Laço de gravata, com fitas de setim de duas faces.



50. Toilette com saia tríplice. Frente do desenhos 50. Estado do molde, desenho 72. 51. Toilette com saia guarnecida. 52. Toilette com cauda arragada. 53. Toilette com tunique arragada. 54. Toilette com tunique sobretudo. (Costas do desenho 54)



55. Costume com corpo e túnica plissés. Custas do desenho 57.

20 cent. de altura, os folhos plissés e os rufos tem 8 e 9 cent. Um bellissimo arregaço disposto em avante e adiante, levanta-se dos lados por meio de uma corda de fiavel, cobrindo a traz até baixo da cunha; cada um dos lados tem 150 cent. de comprimento e 130 cent. de largura. A borda arregaçada e guarnecida com flores, faz-se de tartaruga.



61. Quarta parte da cercadura, para o custo de costura desenho 62. Vede o effeito do bordado dos 63 e a franja dos 64.

53. Toilette com túnica arregaçada. Os folhos da saia, com dentes rebeldes, tem 13 cent. de largura; fazem-se de sarjado de seda branca, levemente franzido. O arregaço e o puff de fazenda adamescada são arregaçados com gosto e seguros por laçadas de fitas de setim estreitas dispostas em cascatas. O corpo em ponta

adeante e atrás é muito decotado em quadrado adante, guarnecido com renda plissé adante e levantada, magras muito curvas, redondas.

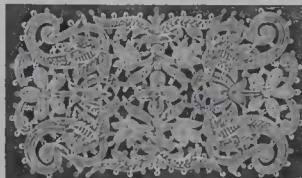
54 e 56. Toilette com túnica sobretudo. Os nossos desenhos 54 e 56 mostram a frente e as costas desta toilette de duas fazendas, a túnica atrás forma o mesmo plissé ou menos comprido conforme o gosto. A frente da túnica arregaçada dos lados tem 100 cent. de comprimento e 150 de largura; dos lados se tem 90 cent. de largura, dispondo-se como o indica o desenho 54. Uma novidade muito original consiste na faixa arregaçada adante em cima do corpo, franjada adeante e segura no hombro e ao lado; tem ella 75 cent. de largura e corta-se em vazio, mais ou menos comprida conforme o gosto.



57. Custas da túnica, des. 55. 58. Custas da toilette, des. 56.



62. Cesto de costura, guarnecido com bordado. Vede a quarta parte do bordado, em tamanho natural desenho 61, o effeito do bordado desenho 63 e a franja desenho 64.



63. Effeito do bordado, desenho 61, para o custo de costura, desenho 62. Vede a franja des. 64.

minas recobertas com pontos de listão. A franja tem 9 cent. de altura; o nosso desenho 64 mostra uma parte della em tamanho natural; faz-se com listão e guarnecida com borlas; as pompoms que enfeitam os angulos, a azo do cesto fazem-se geralmente de lã, sortidos as cores do bordado e a da pelúcia e do setim.



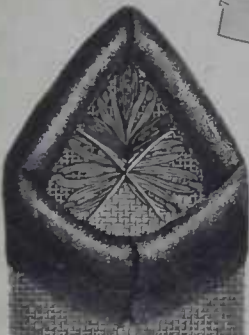
56. Toilette com túnica sobretudo, des. 54.

68. Saccu para costura guarnecido com leve.



59. Custas da túnica, des. 54. 60. Frente do costume, des. 55.

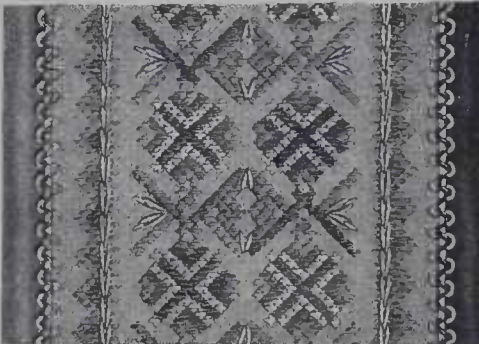
Podese guarnecer dabo, applicações, etc. Tem 8 cent. de largura cent. de altura, fica um trancelim. O nosso 68 faz-se de setim ou outro, sendo com uma applicação de granada de 8 quadrado e que dá ponta de fiavel e do saccu, sendo leve um leve motivo a parte, com retroz, a junção da applicação se esconde pela cação de renda com fios d'ouro; plissé guarnecido e aberta, cuja lã reverso, como o mostra o desenho 68.



65. Esboço do arregaço, para o costume, desenhos 55 e 56.

55 e 57. Costume com corpo e túnica plissé.

A saia é guarnecida com um plissé de 64 cent. de altura, orlada com uma larga tira de velludo. Os nossos desenhos 55 e 57 mostram as costas e a frente d'esta túnica com corpo plissé em faixa e cintura disposta em ponta adante, atando atrás e franzido muito farto e franzido. Faixa arregaçada em cima da saia adante.



69. Cercadura. Bordado a ponto de cruz, para o tapete de candieiro, desenho 70.



66. Esboço do arregaço, para o costume, desenhos 55 e 56.

viez d'um angulo no outro por uma tira de talagana estameada, de cor, tomada em vazio e bordada com retroz d'Azul de diferentes cores e com fio d'ouro, como o indica o motivo reproduzido pelo desenho 69, a ponto de cruz e a ponto lançado. O fundo



70. Tapete para candieiro. Ponto de cruz. Vede a cercadura desenho 69.

61 a 64. Cesto para costura, guarnecido com bordado.

O custo quadrado, desenho 62, tem 9 cent. de altura e 19 de comprimento e de largura; faz-se de bambu entrançado ficando estanho durado; forra-se com pelúcia e guarnecido de ambos os lados com um plissé de setim quadrado, em quadrando um bellissimo bor-

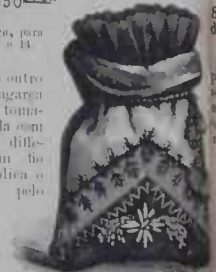


64. Franja atada, para o custo, desenhos 62. Vede o custo 61 e 63.

71. Tapete para candieiro, guarnecido com bordado de Smyrna. Bordar-se-ha este tapete para candieiro, seguindo as applicações que damos para o tapete de mesa desenho 68 do n.º 20 de 1883, ou o modelo 37 do n.º 1 de corrente anno, tem 27 cent. de lado e faz-se de pelúcia guarnecida com uma faixa estreita com borlas de seda, em diferentes cores.



71. Tapete para candieiro. Bordado de Smyrna.



68. Saccu para costura, guarnecido com leve.

69 a 71. Dous tapetes para candieiro.

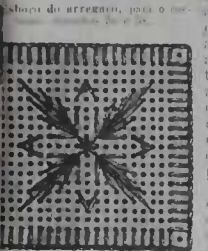
69 e 70. Tapete para candieiro, guarnecido com bordado a ponto de cruz. O modelo tem de sobre 30 cent. e dentro o guarnecido.

do lado da outra, tem
na parte de dentro
uma corchete, e a corchete
tem 2 cent. de lar-
geza e em azul sobre
de penna vermelha.
Arredondado do angulo
em se gradualmente de
de diferentes cores e
de fio d'ouro.

81, 8, 18, 30 e 31.
Interior d'um armario para
roupa.

As duas bordaduras, desenhos 78, 79 e 80, e a alfândega perfumada desenhos 81 e 82, e a renda de crochê, desenho 83.

reproduzimos hoje o interior
armario para roupa, de uma das nossas assignantes,
mostrando-lhe os seus trabalhos, destinados as nossas leitoras.
As bordaduras são feitas com um panno leve corchete
renda de crochê, desenhos 81; as toalhas são ligadas
por clausa e os lençóis por peças, com tiras
bordadas em panno; a roupa e perfumada muito
ao de leve com a alfândega, desenhos 80 suspen-
didas no interior, contendo a raiz d'iris de Florença.
A tira, desenhos 18 e feita a ponto plisso com algodão N. 59 e bordada com
algodão de duas matizes de azul. As duas tiras, desenhos 30 e 31, e a
tira, desenhos 8, são bordadas a ponto de cruz.



Parte de um dos cubos da alfândega, desenhos 80. Bordadura em papel talagarga.

lados da maior figura do desenho 80; cortam-se em papel talagarga e ardam-se a ponto de cruz. Quatro partes semelhantes formam um cubo no qual se encaixa o iris em outro qual perfume contido num saquinho de cambira, acrescentam-se alguns ornamentos de algodão dispondo-se os cubos como o da nossa assignante, para os suspender no interior do armario. (Vide desenhos 78 e 79.)

81. Renda. Crochê com a agulha de ouro. O centro faz-se com pontos de meias, com a agulha de ouro, fazem-se depois os dois lados de algodão de crochê, em primeiro lugar se, 9 m. no ar, 1 m. apertada e os dentes compostos de m. no ar e dentes compostos de m. no ar e dentes compostos de m. no ar. Apertadas com m. apertadas. Pode-se fazer a renda, em branco ou em cor introduzindo-se como uma corchete uma fita e aberturas.

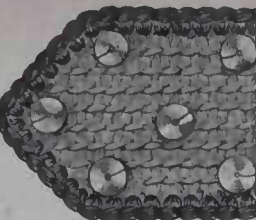
82 e 83. Cestinho redondo, de crochê, para o algodão.

Este cestinho, que se suspende na cintura, é muito commodo para as nossas leitoras que fazem a renda de crochê, o algodão de se facilmente. O nosso primeiro modelo faz-se de seda azul, principia-se como o indicado no desenho 83, por um anel de 8 m. no ar rodendo do

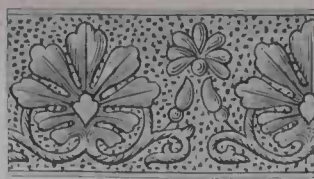


82. Costure fechado em vico, para menina. Famoso do desenho 1.

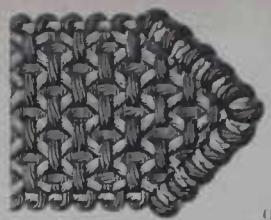
Arredondadas, depois as nossas leitoras cuidarão facilmente, continua-se o trabalho de todo a formar não um círculo mas uma meia esphera arredondada por 2 voltas de apertadas com fio d'ouro, que segura a barra. Exe-



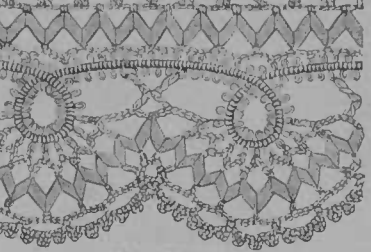
76. Parte da tira dos arrollos para talagarga, desenhos 30 e 31. Vede os desenhos 73, 75 e 26.



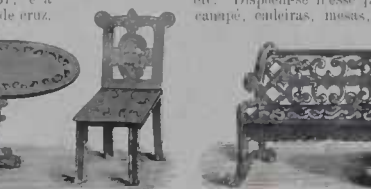
70. Cercadura. Gravatura em estanho, para o vaso desenhos 25.



74. Trabalho de bordadura de mão (filche) para os arrollos, desenhos 30 e 31. Vede os desenhos 73, 75 e 26.

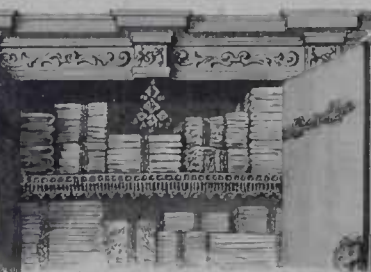


77. Renda. Trabalho de crochê e guardanapos.

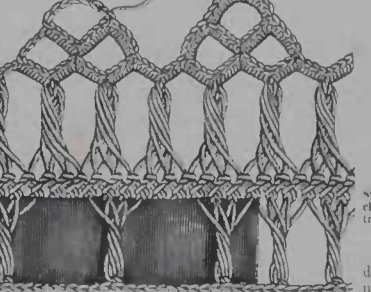


84 e 85. Mesa e cadeira de madeira, para o jardim. Desenhos 87.

etc. Disponham-se n'esse jardim, campê, cadeiras, mesas, etc.; enfim se se desejara pôz-se-se com passaros, volatils etc.



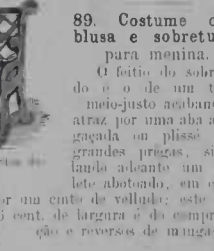
78. Interior d'um armario para roupa. Vede os desenhos 18, 30 e 31, e a alfândega perfumada desenhos 79 e 80 e a renda, desenhos 81.



81. Renda. Crochê com agulha de ouro. Para o armario, des. 78.

do por um marco de 11 cent. de altura e $\frac{1}{2}$ de largura e de grossura; o pavilhão faz-se de madeira leve, com frontão recortado, pegado com crido ou seguro com preguinhos muito finos. Tem 29 cent. de altura no centro e 16 cent. dos dois lados sobre 16 de largura. Cada qual poderá no entanto fazer as modificações que julgar conveniente. O jardim com ruas arredas, verdura, caramunchões, tanque, e guarnecido com arvores de fructas, flores, folhas, plantas, pegadas com gomma, de modo a formar arvoredo, grutas, etc.

89. Costume com blusa e sobretudo, para menina.
O feito do sobretudo e o de um trajo meio-justo acabando atrás por uma aba arredondada em plisso com grandes pregas, simulando a dianteira de um casaco abotoado, em cima de qual abre, seguro semente por um cent. de vellido; este collete guarnecido com pregas de 6 cent. de largura e do comprimento da sua de vellido; abotoação e reversos de mangas guarnecidos com botões.



89. Costume com blusa e sobretudo, para menina.

90 e 91. Duas rendas.
Crochê e cadargo ondado.
90. Renda com beira de pontinhas. O cadargo ondado, de algodão cinzento e seguro por uma beira de 5 m. no ar, 1 barreta tomada na pontinha do cadargo; a outra e guarnecida com pontinhas de algodão encarnado contendo 1 m. apertada metida na pontinha conforme a direcção da ponta da frecha, 7 m. no ar, 1 m. apertada na mesma pontinha, 5 m. no ar e voltar ao signal. Um fio encarnado ondado em volta do cadargo assim como o indica o desenho 90.



82. Cestinho redondo, de crochê, para o algodão. Vede o trabalho de crochê desenhos 81.

92 e 34. Touca enfeitada.

Os desenhos 31 e 92 mostram o laço de attonano, amarrado em cima de um oval de fio de 23 cent. de compr.



89. Costume com blusa e sobretudo para menina.

mente, guarnecido com uma especie de tufo-roseta, de fimo, cubindo abscute. A fita tem 6 1/2 cent. de largura, são necesarios aproximadamente 3 metros para fechar os laços e o amarrado d'esta touca.



87. Jardim de madeira. Vede os mecos do jardim desenhos 84 a 86.



93 e 76. Vaso para joias.

Gravura em estanho.

Este lindissimo objecto tem 4 cent. de altura e 36 de circ.

90. Renda com beira de pontalinas.

Esta renda, em cartões das manivas para gravar, são reproduzidas pelo processo descrito 76, que é o de uma parte em tecido natural, os contornos do motivo são muito apparentes e saem sobre um fundo pontalado, de um effeito encantador.

94 a 97. Quatro chapéus.

94. Chapéu guardado com velludo rufado. O fundo d'este chapéu faz-se de filo forte; a aba tem 6 cent. de altura e velludo enfiado que...



94. Chapéu de velludo rufado.

de 10 cent. por meio de alguns pontos invisiveis. A aba do chapéu é enfiada com uma tira d'astrakan cinzento, e as de garça e fivella de fantasia.

95. Capota de velludo corredigo. O fundo de velludo e a corrediga em caracol; a pala cortada em vizez é corrediga por ordens espaçadas de 1 cent. formando atraz uma cabeça de 2 cent. e ademto 3 cent. para a beira. Guarnição de plumas com penachos collocadas em tufo na frente da pala. Fitas do atar, de velludo.

96. Capota de velludo. O fundo bastante alto, fazendo levemente ponta e seguro a pala por baixo de uma fita de velludo dobrada, que continua em pontas. A frente é enfiada com um tufo de plumas formando penacho.

97. Chapéu de feltro, redondo. Faz-se de feltro cor de granada, com fundo levantado (10 cent.) e largo, abas voltadas em volta; guarnese com um vizez largo, de vel-



92. Torceo enfiado. Velludo rufado.



97. Vaso para joias. Gravura em estanho. Vaso a cerculura, desenho 28.



95. Capota de velludo corredigo.



96. Capota de velludo estendido.

97. Chapéu redondo de feltro.

fundo cor de granada e ademto com um lizo, de seda, de velludo e fita de rosa pallida.



91. Renda com beira de pontalinas.

Explicação da gravura colorida N. 561.

Talhetta elegante com fivella cor de rosa, de seda, guarnecida com folhos de renda, a guarnição com hofe Modere, de fita. Guarnição de plumas...

Explicação da gravura colorida N. 562.

Costume de panno azul plissé. A saia alente e atraz e guarnição de meio de um cinto.

Costume com corrediga, de cachemire, po muito comprido abas de um collete, saia plissada de souteche.

Costume de panno azul, abas em cima de um corredigo, a saia e guarnição vizes de setim; a tunique gase por meio de pregas.

Costume com seda, abas justo. A saia e plissada guarnição acida atraz de baixo da comprida abas com tecido imitando...



38. Cerculura. Bordado pessoal para o uso de papéis desenhos 41. Vide o desenho 42.

INDICE

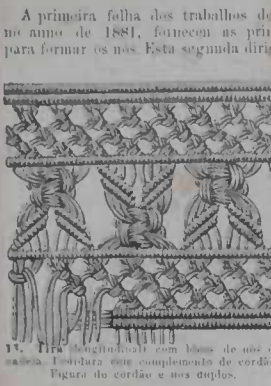
- 1. Urdidura com pontalhas (ponta)
- 2 e 3 Pontalhas simples de ponta, Pontalhas de lado
- 4 Pontalhas (ponta) de cordão (fios) e argolas
- 5 Urdidura com fios de ambos os lados dos cordões
- 6 Urdidura com complementos dos cordões
- 7 Meias argolas de fios
- 8 Meias argolas de linguetas
- 9 Meias argolas de cordão

- 10 Lagamento de urdidura
- 11 Urdidura para liguras redondas ou ovais
- 12 e 13 Cavois-cabeira com laques frontais de fios
- 14 e 15 Pleis com liguras alteradas
- 16, 17 e 18 Pleis com laques
- 19 e 20 Tiras longitudinaes
- 21 e 22 Tiras longitudinaes com cordão de fios ou alfinetes

- 23, 24 e 25 Tiras atravessadas
- 26 Disposição ao renovação dos fios do trama
- 27 e 28 Tiras de qualquer mostra de pleis
- 29 e 30 Tiras estreitas com 2 a 10 fios
- 31 e 32 Tiras mais largas enfiadas dos lados
- 33 e 34 Tiras com tecido completo
- 35 e 36 Canto com cordão central
- 37 e 38 Canto com tecido completo
- 39 e 40 Canto com cordão central
- 41 e 42 Canto com tecido completo
- 43 e 44 Canto com cordão central
- 45 e 46 Canto com tecido completo

- 47 e 48 Canto com liguras alteradas
- 49 e 50 Mochos simples de
- 51 e 52 Mochos de duas cores
- 53 e 54 Mochos de duas cores
- 55 e 56 Mochos de duas cores
- 57 e 58 Mochos de duas cores
- 59 e 60 Mochos de duas cores
- 61 e 62 Mochos de duas cores
- 63 e 64 Mochos de duas cores
- 65 e 66 Mochos de duas cores
- 67 e 68 Mochos de duas cores
- 69 e 70 Mochos de duas cores
- 71 e 72 Mochos de duas cores
- 73 e 74 Mochos de duas cores
- 75 e 76 Mochos de duas cores
- 77 e 78 Mochos de duas cores
- 79 e 80 Mochos de duas cores
- 81 e 82 Mochos de duas cores
- 83 e 84 Mochos de duas cores
- 85 e 86 Mochos de duas cores
- 87 e 88 Mochos de duas cores
- 89 e 90 Mochos de duas cores
- 91 e 92 Mochos de duas cores
- 93 e 94 Mochos de duas cores
- 95 e 96 Mochos de duas cores
- 97 e 98 Mochos de duas cores
- 99 e 100 Mochos de duas cores

A' Leitura.



1. Urdidura com pontalhas (ponta). Figura do cordão e nos duplos.

Só as senhoras exercitadas servirão as indicações seguintes, para aliviar-lhes o trabalho, mas estas mesmas manipulações devem ser praticadas com assiduidade.

A trama da esquerda para a direita pode ser effectuada com o mesmo movimento da mão como o outro mais facil da direita para a esquerda, de modo que se elimina a volta do trabalho, que sempre ronba tempo; entretanto ha que fazer as laçadas com a mão esquerda.

O grande numero de amostras experimentadas não nos deixa espaço para mais amplas explicações.

Temos que evitar repetições; o que a primeira folha não presumpimos se sabido. Não podemos acentuar em cada caso especial nem a applicação das cores, nem os numerosos agrupamentos dos diferentes pontos. Em lugar das descrições das diversas figuras servirão as illustrações.

Contudo não se passará em silencio nenhum ponto essencial, e as nossas leitoras que observarem com attenção as illustrações com as suas lanchas, e souberem acompanhar com a vista o não as indicações, mesmo nas liguras mais complicadas, não terão que vencer difficuldades; apenas ser-lhes-ha precisa a paciencia e assiduidade indispensaveis para qualquer trabalho de longo alanto.

Na nossa primeira folha supplementar empregamos sempre a urdidura que abraçava estreitamente o fio da trama. Com pouco trabalho podem obter-se graçiosos remates de pontalhas (picots) ou meias argolas (arcsos). Limitamos as explicações e gantos a urdidura de passagem, porém, diremos, que tambem podem ser applicadas ao remate, e mesmo em ornamentos dos lados. (V. tiras longitudinaes.)

Um ou dois ou mais laços simples formam os picots, e podem ser feitos ou em redor do fio de urdidura (Fig. 1*), ou em alfinetes fincados (Figs. 2 e 3), ou em meias argolas fincadas (Figs. 2 e 3), ou em alfinetes fincados, com qualquer numero de fios.

8 Meias argolas de linguetas. A mesma ligula repetida com o fio de trama da esquerda e linguetas, que, segundo a fig. 8, se liga com o cordão transversal de urdidura.

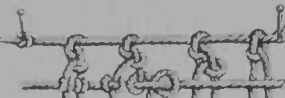
Meias argolas frías (Figs. 18 e 19) nascem enlaçando os cordões alternativamente com nos da direita e da esquerda. (V. figs. 36 e 37.)

9 Meias argolas de cadeia. Na fig. 9 se vê em escala maior (tira 18) as meias argolas feitas com as alternadas, com fio duplo e duas cores bem oppositas.

Como se vê, cada quatro fios formam a cadeia dupla. Fazem-se juntas uma da esquerda e uma da direita em seguida estes cordões em arcos, enlaçando os fios e cozendo-os ainda. Na franja, fig. 84, meias argolas de cadeia se

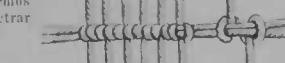


2. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.



3. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.

1. Urdidura com picots de ligura no fio da urdidura. Urdidura de cordão transversal.



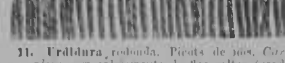
4. Urdidura com picots de ligura no fio da urdidura.

5. Urdidura com fios dos dois lados do cordão.



6. Urdidura com fios dos dois lados do cordão.

7. Urdidura com meias argolas de fios.

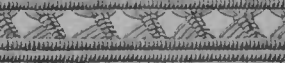


8. Urdidura com meias argolas de linguetas.

11. Urdidura redonda. Picots de fios. Cavois-cabeira com enlaçamento de fios soltos (grade).



15. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



17. Tira de tres beirinhas iguaes. Cadeias feitas com nos duplos. Meias argolas de linguetas.



10. Lagamento de urdidura. (Vale a tira da fig. 16).



9. Meias argolas frías (Figs. 18 e 19). Limitamos as explicações e gantos a urdidura de passagem, porém, diremos, que tambem podem ser applicadas ao remate, e mesmo em ornamentos dos lados. (V. tiras longitudinaes.)



21. Tira com duplos pontos. Cordões de nos duplos, enlaço dos fios. Urdidura com picots de no no fio central. Duas cores.



16. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



18. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.

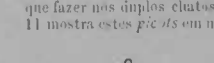


19. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



11. Urdidura redonda. Picots de fios. Cavois-cabeira com enlaçamento de fios soltos (grade).

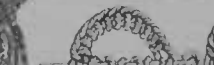
15. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



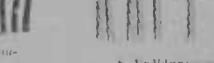
17. Tira de tres beirinhas iguaes. Cadeias feitas com nos duplos. Meias argolas de linguetas.



10. Lagamento de urdidura. (Vale a tira da fig. 16).



9. Meias argolas frías (Figs. 18 e 19). Limitamos as explicações e gantos a urdidura de passagem, porém, diremos, que tambem podem ser applicadas ao remate, e mesmo em ornamentos dos lados. (V. tiras longitudinaes.)



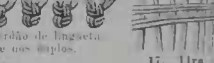
21. Tira com duplos pontos. Cordões de nos duplos, enlaço dos fios. Urdidura com picots de no no fio central. Duas cores.



16. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



18. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



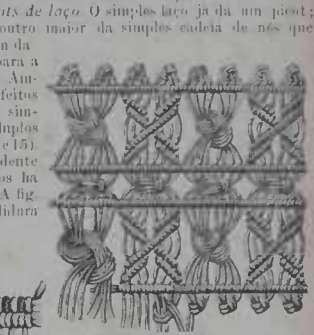
19. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



Distinguimos quatro especies de picots, que admittem por sua vez diversas variações.

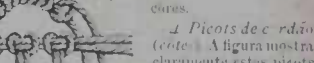
1 Picots de laço. O simples laço ja da um picot; resulta outro maior da simples cadeia de nós que alternam da direita para a esquerda. Ambos são feitos com fios simples ou duplos (Figs. 14 e 15).

2 e 3 Picots de nó. É evidente que com cada dois fios duplos ha que fazer nos duplos ciutos. A fig. 11 mostra estes picots em urdidura

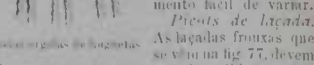


11. Urdidura redonda. Picots de fios. Cavois-cabeira com enlaçamento de fios soltos (grade).

15. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



17. Tira de tres beirinhas iguaes. Cadeias feitas com nos duplos. Meias argolas de linguetas.



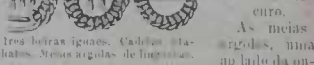
10. Lagamento de urdidura. (Vale a tira da fig. 16).



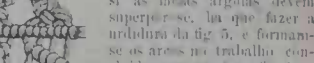
9. Meias argolas frías (Figs. 18 e 19). Limitamos as explicações e gantos a urdidura de passagem, porém, diremos, que tambem podem ser applicadas ao remate, e mesmo em ornamentos dos lados. (V. tiras longitudinaes.)



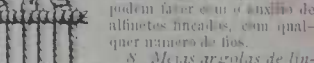
21. Tira com duplos pontos. Cordões de nos duplos, enlaço dos fios. Urdidura com picots de no no fio central. Duas cores.



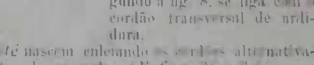
16. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



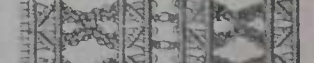
18. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



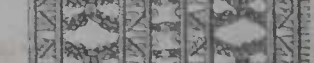
19. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



1. Urdidura com pontalhas (ponta). Figura do cordão e nos duplos.



2. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.



3. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.



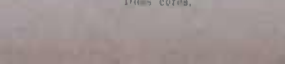
1. Urdidura com pontalhas (ponta). Figura do cordão e nos duplos.



2. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.



3. Urdidura com picots de fios em redor dos alfinetes fincados.



1. Urdidura com picots de ligura no fio da urdidura. Urdidura de cordão transversal.



4. Urdidura com picots de ligura no fio da urdidura.



5. Urdidura com fios dos dois lados do cordão.



6. Urdidura com fios dos dois lados do cordão.



7. Urdidura com meias argolas de fios.



8. Urdidura com meias argolas de linguetas.



11. Urdidura redonda. Picots de fios. Cavois-cabeira com enlaçamento de fios soltos (grade).



15. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



17. Tira de tres beirinhas iguaes. Cadeias feitas com nos duplos. Meias argolas de linguetas.



10. Lagamento de urdidura. (Vale a tira da fig. 16).



9. Meias argolas frías (Figs. 18 e 19). Limitamos as explicações e gantos a urdidura de passagem, porém, diremos, que tambem podem ser applicadas ao remate, e mesmo em ornamentos dos lados. (V. tiras longitudinaes.)



21. Tira com duplos pontos. Cordões de nos duplos, enlaço dos fios. Urdidura com picots de no no fio central. Duas cores.



16. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



18. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.

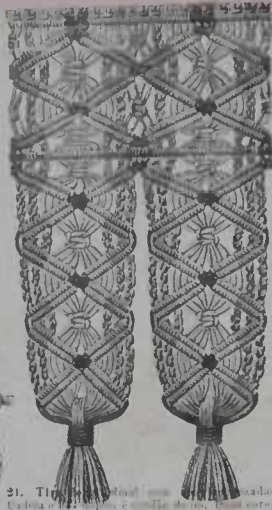
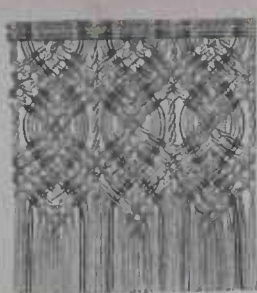


19. Tira com beirinhas de cordão de lingueta. Picots de laço. Figuras de nos duplos.



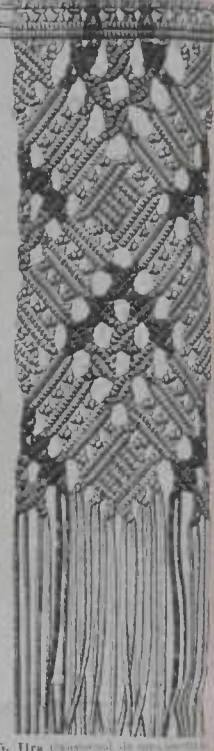
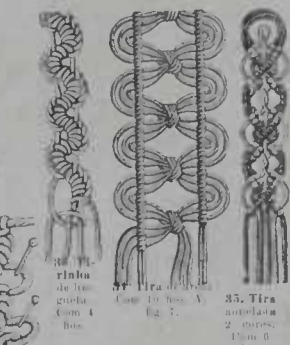
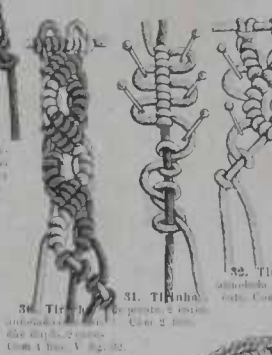
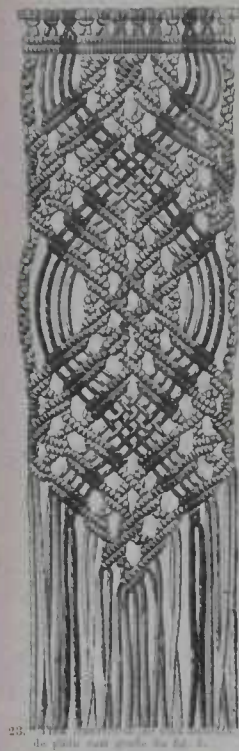
figura como remate dos bicos. Pela laçada dos fios de urdidura de duas tiras estreitas, forma-se uma graciosa beirinha intermediana, que oferece variedade agradável ao trabalho e diversas variações. A fig. 10 explica a execução e na fig. 19 vê-se o efeito.

A fig. 11 mostra a um *carreau plein* como se devem reservar os diversos fios de urdidura, para enlutar pouco a pouco os fios graduais. Consegue-se o arredondado e o enviezado do mesmo modo, seguindo com mais



13 e 14 Tiras longitudinais com beira lisa. Terminado o carreau transversal, cortam-se rente os fios de mate e se cozem na tira. Feita alguma habilidade, esta costura aparece a vista (V. urdidura, fig. 11 e 15 Tira longitudinal com picots de laçada. Dado de cozido, da peça tomara o aspecto dos picots ligados na urdidura. (V. fig. 1)

16 Tira longitudinal com meias argolas fronzas. Por meio de meias argolas, os fios tomam a forma de meias argolas; os fios que não se podem emparelhar, se doblam e se cozem. (V. urdidura, fig. 7.)



ou menos pressa fírem em-
pregados uniformemente os
fios de urdidura.

Chamamos a atenção para o grande número de amostras de tiras estreitas limitadas por duas cordões transversas e que podem ser empregadas como remate ou cabeça de franjas.

Beirinha de nós de cadeia. (Figs. 18 e 13)

Beirinhas de cadeias atadas por nós chatos. (Fig. 17.)

Beirinhas de nós de linguetas encontradas. (Figs. 15 e 16, com o simples e fio dobrado.)

Beirinhas de nós de linguetas encontradas. (Figs. 15 e 16, com o simples e fio dobrado.)

de, combinada com duplos nós chatos e varões superpostos. (V. ficha suplementar I, figs. 74, 81 e 86—87)

Beirinhas de cordão obtêm-se de muitas maneiras (figs. 19, 14, 19, 84, ficha suplementar I, figs. 80 e 83—84.)

Beirinhas de meias torcidas de nós chatos de filete, no fio suplementar I, nos embeidos, fig. 50—54

Ligando-se regularmente as figuras de uma amostra obtém-se o *Plain*, no qual ordinariamente a figura repete a mesma de lugar. Quasi de qualquer amostra de franjas ou tiras pode fazer-se um *plain* e qualquer *plain* serve para franja ou tira, segundo o remate é em fios soltos ou em cordão transversal.

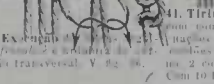
11 Carreau plain com laçadas de fios soltos. A simples trança dos fios de atar, que faz um bello effeito no meio do carreau, dá lugar a muitas amostras (figs. 20, 23, 40.)



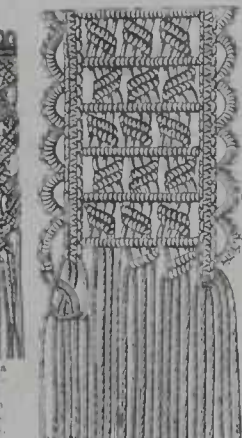
12 e 45 Plain com figuras alternadas. Figs. 12 e 45 alternam figura de losangos com estrellas de cordão duplo.

46, 63—64 Plain com monche pois. (V. descrição fig. 53—64.)

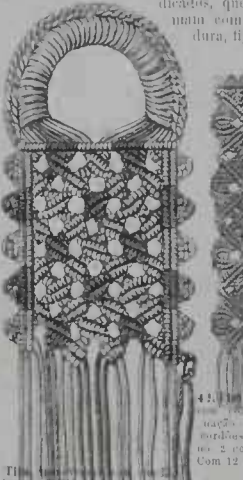
Como para franjas, trabalha-se longitudinalmente, repetindo como remate a beirinha inicial. As figs. 13—19 mostram os procedimentos diversos.



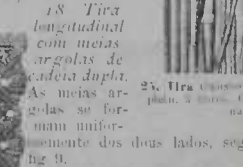
37. Exemplo de um carreau plain. (V. descrição fig. 53—64.)



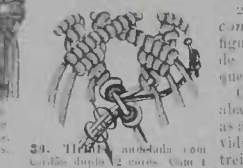
38. Beirinha de nós de cadeia de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 17, lados 2 cores. Com 20 fios.)



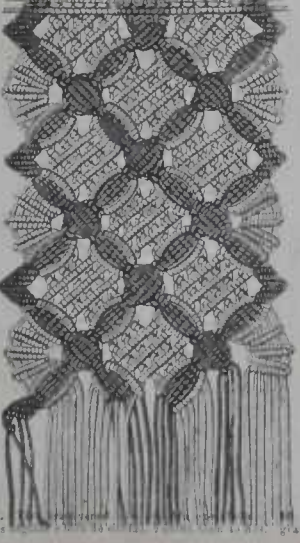
41. Beirinha de nós de cadeia de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 17, lados 2 cores. Com 20 fios.)



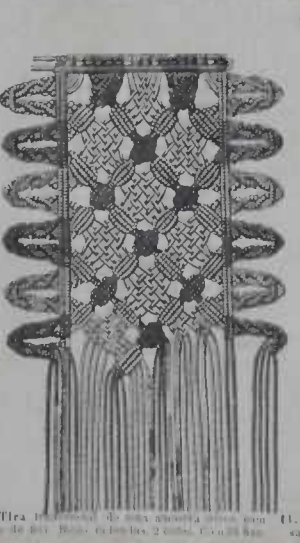
44. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)



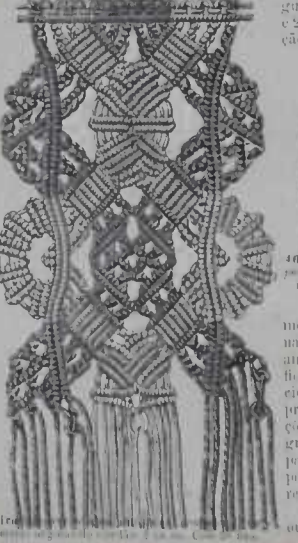
46. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)



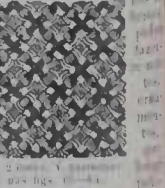
49. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)



50. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)



51. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)



46. Tira longitudinal com argolas de meias argolas de nós chatos. (V. descrição fig. 7, lados 2 cores. Com 12 fios.)

mente não seriam possíveis, a menos assim longa fosse amostras independentes. Os fios já dão uma beirinha grossa, com quatro fios produzindo muitas combinações. As figuras estão dispostas gradualmente. Antes de começar, porém, tratar do ligamento e renovação dos fios de atar.

39 Nostas tiras transversas ou tirinhas, tem seu vantaja-



Pl. 361.

1884, Nr. 2.

A ESTAÇÃO.

Jornal Illustrado para a família

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 13, Paris.

de trabalhar com poucos fios, mas estes devem ser bastante empurrados. Inpropriedade collocar estes fios em carretéis pequenos; mas o trabalho torna-se mais incommodo do que com fios soltos; contudo não se pode evitar o ligamento ou a renovação dos fios. A fig. 39 mostra como se deve fazer esta renovação ou amenda. Com layada e alfinete se prende o fio complementar na amolada e é incluído em um duplo nó, deixando solta a ponta do fio acabado. Terminando o trabalho, unem-se as duas pontas dos fios, mediante costura.

As figuras

22 — 25

mostram

trabalhos

de

trabalhar

com

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

trabalhar

toda a amostra por meio de uma moldura feita como no N.º 7 de meias argolas soltas com fios bastante extensos e que dá uma brigaçola de cortinado.

40. *Tiras com bicos ameadas.* Consiste a figura de folhas cheias de cordão alternadas com fios ameados; compõem-se os bicos de tirinha ameadas com 4 fios.

41—44. *Tiras de amostra completa.* As quatro amostras de tiras e remates intimamente combinados requerem bastante exercicio. Só mãos bem habéis podem executar os trabalhos e por menores gradualmente desenvolvidas nestas figuras.

Contundida a pratica necessaria com um pouco de imaginação e habilidade, não ha nada mais simples do que formar o canto n'uma tira de filete, e de combinar as figuras de um modo agradável e notavel. Damos tres modos de formar os cantos e bastam estes para as mais variadas amostras.

E' mister dividir acertadamente o espaço formando a franja um pouco cheia, e que nunca seja repulchada, para estabelecer assim o ponto em seu lugar conveniente.

45—49. *Cantos com cordão central.* O encaicamento estreito da tira combina-se visivelmente com o canto, mediante a coloração do fio de trama.

No cordão transversal, como se vê na fig. 47, enlaça-se o cordão central, servindo de ponto de apoio para os fios supplementares, que se ligam alternadamente, um por um com dois nós duplos.

A fig. 48 mostra como se seguem estes fios e a layada um pouco divergente, que determina o remate dos grupos envezados de nós. A mesma figura mostra tambem o primeiro

nos dois lados, depois de terminados os grupos superiores, completam-se os inferiores do mesmo modo para os dois lados, enlaçando primeiro os fios, e atando-se depois os nós. Os fios para o grupo central prendem-se por meio de uma agulha nos grupos lateraes.

Por fim reforça-se a moldura da

bolha por alguns fios habilmente introduzidos na figura do meio. (V. folha supplementar 1, fig. 44 ou 51.)

50—51. *Canto com amostra continua.* O losango da tira apparece simplesmente continuado no canto, encaicando-se, porém, tambem aqui o cordão central. Nossa amostra apresenta uma figura mais desenvolvida da beira do remate (V. fig. 51 a execução de uma moldura chata de filete, introduzida no canto.

Ao redor do fio de trama do cordão de remate atam-se de cada lado, duas



Inserção dos fios para o cordão central.

de modo como se produz tiras trabalhando simplesmente de um lado para o outro, sem agregar um remate de bicos, como as tiras figs. 36, 38, etc.

6. *Tirinha cheia de cordão.* Alternada com um dos fios de trama.

7. *Tirinha com bicos.* Os bicos são feitos com os fios de trama e com o cordão.

8. *Tirinha com cordão duplo.* Os mesmos fios de trama dão duas variações da tirinha cheia.

9. *Tirinhas de picotas.* Das duas pontas, servindo-se com o mesmo fio como trama, enlaça-se com o outro cada vez dois fios do cordão, e formando finalmente a de um alfinete, pequenas picotas livres. Este trabalho é feito a mão solta.

10. *Tirinhas de linguetas.*

11. *Tirinha com cordão central.* Execução (figs. 47—48).

12. *Canto com amostra completa.* Execução (fig. 51).

13. *Inserção dos fios complementares que se enlaçam.* Canto da fig. 52.

14. *Execução do cordão transversal com os fios complementares.* Canto da fig. 52.

15. *Muche espherica.* Urldura. 50. Primeiro nó terminal.

16. *Tira ameadada aberta.* 6 fios com 5 cores formam uma tira graciosa e de fácil execução, na qual os grupos meias são feitos e não atados.

17. *Muche de duas lateraes abertas.*

18. *Muche do lado relevado.*

19. *Cruzamento das meias de 4 fios.*

20. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

21. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

22. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

23. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

24. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

25. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

26. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

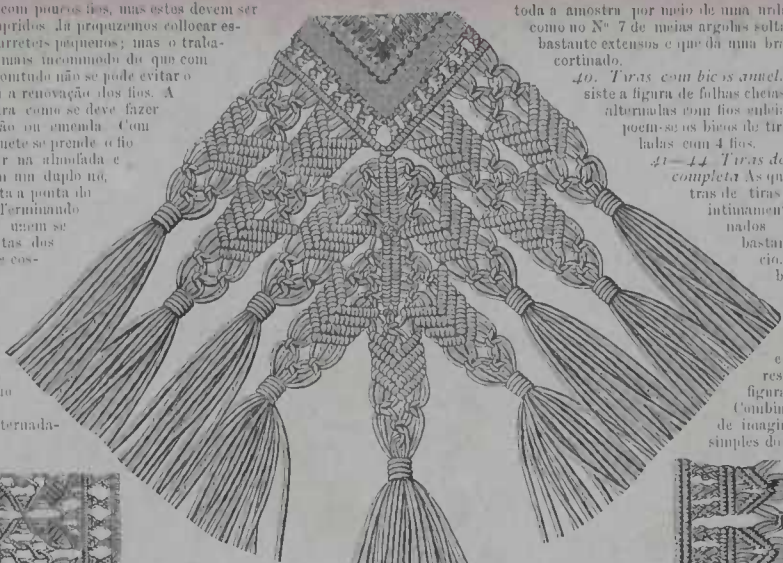
27. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

28. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

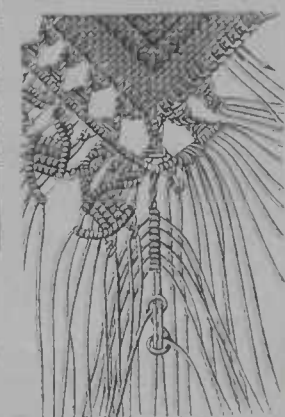
29. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

30. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

31. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*



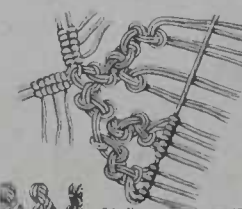
49. Canto com cordão central. V. execução, figs. 47—48.



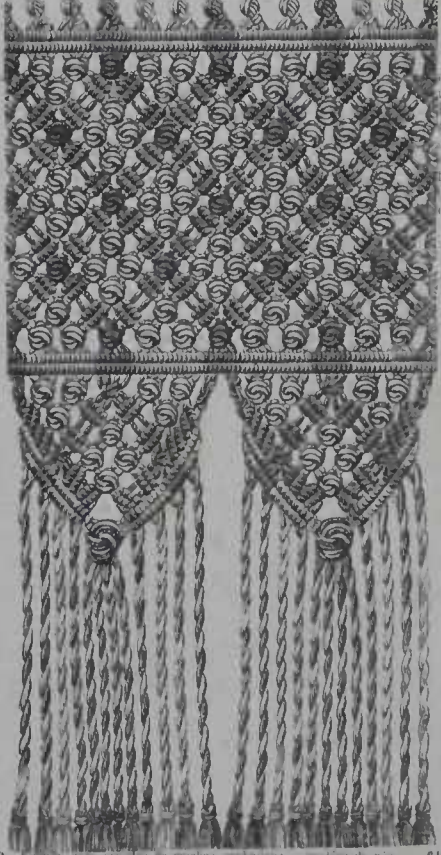
51. Inserção dos fios complementares que se enlaçam. Canto da fig. 52.



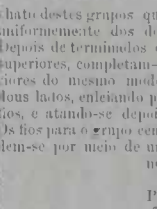
52. Canto com amostra completa. V. execução (figs. 50 e 51).



54. Execução do cordão transversal com os fios complementares. Canto da fig. 52.



59. Tira para fazer moldura de meias argolas e meias de nós. Urldura com picota de layada. Ilustração da tira com traças enlaçadas. Duas cores.



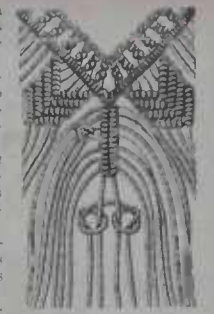
60. Serie de nós.



67. Muche annular aberta.



64. Muche-ponta com folhas de cordão.



48. Cordão atado e remate do primeiro grupo e meias.

de modo como se produz tiras trabalhando simplesmente de um lado para o outro, sem agregar um remate de bicos, como as tiras figs. 36, 38, etc.

6. *Tirinha cheia de cordão.* Alternada com um dos fios de trama.

7. *Tirinha com bicos.* Os bicos são feitos com os fios de trama e com o cordão.

8. *Tirinha com cordão duplo.* Os mesmos fios de trama dão duas variações da tirinha cheia.

9. *Tirinhas de picotas.* Das duas pontas, servindo-se com o mesmo fio como trama, enlaça-se com o outro cada vez dois fios do cordão, e formando finalmente a de um alfinete, pequenas picotas livres. Este trabalho é feito a mão solta.

10. *Tirinhas de linguetas.*

11. *Tirinha com cordão central.* Execução (figs. 47—48).

12. *Canto com amostra completa.* Execução (fig. 51).

13. *Inserção dos fios complementares que se enlaçam.* Canto da fig. 52.

14. *Execução do cordão transversal com os fios complementares.* Canto da fig. 52.

15. *Muche espherica.* Urldura. 50. Primeiro nó terminal.

16. *Tira ameadada aberta.* 6 fios com 5 cores formam uma tira graciosa e de fácil execução, na qual os grupos meias são feitos e não atados.

17. *Muche de duas lateraes abertas.*

18. *Muche do lado relevado.*

19. *Cruzamento das meias de 4 fios.*

20. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

21. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

22. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

23. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

24. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

25. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

26. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

27. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

28. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

29. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

30. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

31. *Molde para fazer as meias de 4 fios.*

66. Enlaçamento dos fios lateraes.

57—58. Muche espherica terminal.

50. Primeiro nó terminal.

51. Canto com amostra continua.

65. Serie de nós.

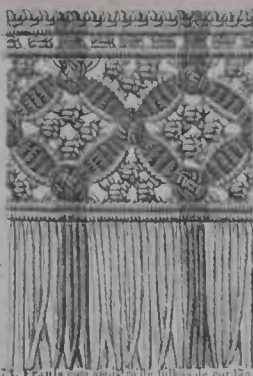
67. Muche annular aberta.

66. Enlaçamento dos fios lateraes.

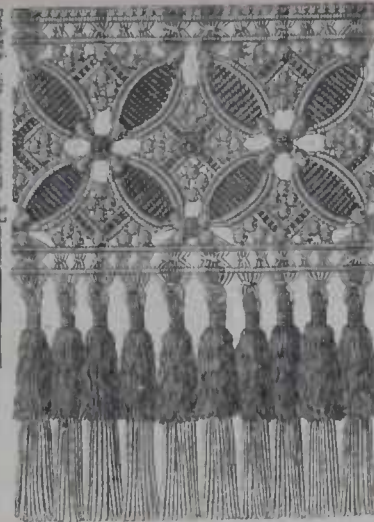
duplos para inserir a figura, como mostra a illustração 51. Os quatro fios da pequena figura do canto divididos, completam os oito fios de atar necessários para cada uma das figuras maiores. D'alá a necessidade de enlazar separadamente o fio de trama para a figura molia complementar, e este recebe as fios complementares formando um cordão separado no rebord do qual a figura se enlaza como se vê no canto completo da illustração 50. Os fios necessários para obter uma boa franja, se enlaza no fio inserido no cordão transversal da remate.



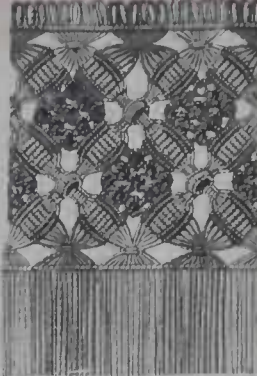
49. Mucbe de lingueta. Pelo que se vê, figs. 70-74.



74. Franja com amostra de fio de cordão e amostra de lingueta e de cada fio. V. figs. 69-72 e 74.



77. Franja com mucbe amolada e de cordão. Utilizada de pontos de lago. Duas cores. V. figs. 67, 72-76 e 78.



Inferior passava...
fios no primo...
a figura 61...
75. Mucbe de cordão...
de seis V. figs. 70-74.



76. Mucbe de cordão. V. figs. 74, 77-78.

77. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

78. Mucbe de cordão. V. figs. 74, 77-78.

79. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

80-82. Mucbe de lingueta de tres ou mais linguetas dirigidas mais ou menos do mesmo lado formando o mucbe de linguetas sem necessidade de principiar os fios da mucbe nas figs. 73 e 74 e lora amolada a combinação de duas mucbes para a franja 74-75 e 76-77. 1. Mucbe de cada fio. O nº alternado de fios...

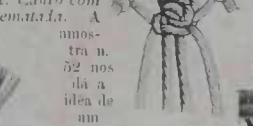


52-54. Canto com figura rematada. A amostra n. 52 nos dá a ideia de um canto rematado, que parte immediatamente da beira do remate. A fig. 53 representa a arduidade do fio duplo necessário para a cadeia dupla da amostra, e mostra o desenvolvimento gradual da figura pela inserção de fios novos, até que se hajam completado oito fios.

duplos (A figura 50 mostra seis fios.) Utilizando o fio extenso como inserção, faz-se segundo fig. 54 o cordão transversal, e, con-

duzindo a amostra, faz-se segundo fig. 54 o cordão transversal, e, con-

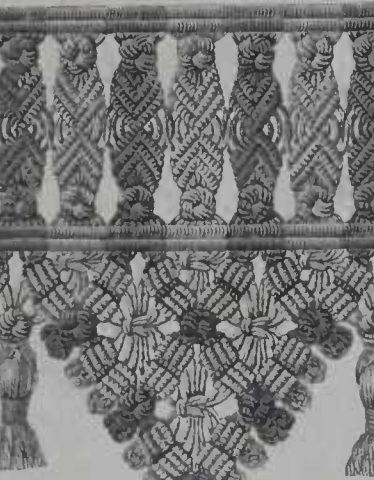
duzindo a amostra, faz-se segundo fig. 54 o cordão transversal, e, con-



50. Mucbe de lingueta aberta. V. figs. 69-73 e 74.

51. Franja com amostra de fio de cordão e amostra de lingueta e de cada fio. V. figs. 69-72 e 74.

65. Franja de borlas com amostra de mucbe pois, folhas de bordão e paos de cordão. Duas cores. V. figs. 66-64.



83. Fira e remate do bico, para guarnição da fig. 84. V. figs. 81 e 82.

82. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

81. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

82. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

83. Fira e remate do bico, para guarnição da fig. 84. V. figs. 81 e 82.

84. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

85. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

86. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

87. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

88. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

89. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.



74. Mucbe de lingueta e de cordão. Pelo que se vê, figs. 70-74.

75. Mucbe de cordão...
de seis V. figs. 70-74.

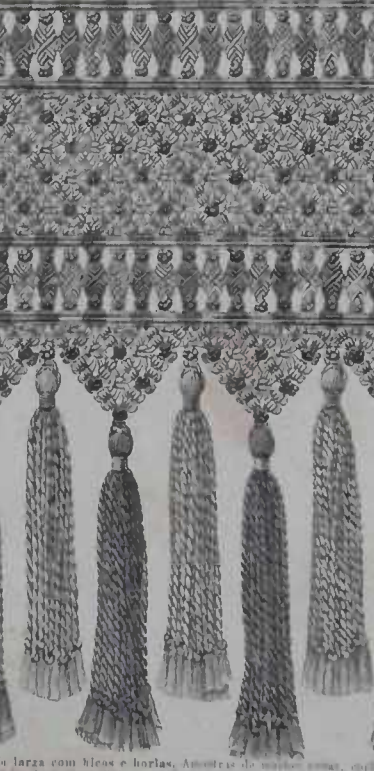
76. Mucbe de cordão...
de seis V. figs. 70-74.

55-59. Mucbe espherica consiste na mais facil de todas as laçadas do duplo fio de trama presa por um no chato e por um no chato duplo depois da mucbe.

As figuras 55-58 illustram o procedimento empregado para obter a mucbe espherica. A applicação na franja da figura 59.

64, 68 e 46 Mucbe pois de duas vistas.

65. Franja de borlas com amostra de mucbe pois, folhas de bordão e paos de cordão. Duas cores. V. figs. 66-64.



81. Guarnição larza com borlas e borlas. Amostras de mucbe pois, cordão de ponto e de duplo, duas cores. Visto extenso, no tamanho natural, de 2 a figs. 73-81.



82. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

83. Fira e remate do bico, para guarnição da fig. 84. V. figs. 81 e 82.

84. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

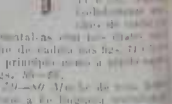
85. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

86. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

87. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

88. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

89. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.



80-82. Mucbe de lingueta de tres ou mais linguetas dirigidas mais ou menos do mesmo lado formando o mucbe de linguetas sem necessidade de principiar os fios da mucbe nas figs. 73 e 74 e lora amolada a combinação de duas mucbes para a franja 74-75 e 76-77. 1. Mucbe de cada fio. O nº alternado de fios...

81. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

82. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

83. Fira e remate do bico, para guarnição da fig. 84. V. figs. 81 e 82.

84. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

85. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

86. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

87. Franja da fig. 77 a mucbe amolada combinada com amolado cordão são empregadas de um modo enlaziado no fig. 79.

LITTERATURA

TRINA E UNA

(Continuação)

Clara foi d'alli para a rua do Lavradio. Morava com a mãe. Eram cinco horas dadas, e D. Antonia não gostava de jantar tarde; mas já devia esperar isto mesmo, pensava ella: a filha só voltava cedo quando ella a acompanhava; em sabendo só, ficava horas e horas.

— Anda, anda, é tarde, disse-lhe a mãe

Clara foi despír-se. Não se despír ás pressas, para condescender com a mãe, ou fazer-se perdoar a demora; mas, vagarosamente. No fim reclinou-se no sofá com os olhos no ar.

— Nhandá não vai jantar? perguntou-lhe uma negrinha de quinze annos, que a acompanhara ao quarto.

Não respondeu; posso mesmo dizer que não ouviu. Tinha os olhos, não já no ar, como ha pouco, mas n'uma das flores do papel que farrava o quarto; pela primeira vez reparou que as flores eram margaridas. E passou os olhos de uma a outra, para verificar se a estrutura era a mesma, e achou que era a mesma. Não é exquisito? Margaridas pintadas em papel. Ao mesmo tempo que reparava nas pinturas, ia-se sentindo bem, espreguiçando-se moralmente, e mergulhando na tonia do espirito. De maneira que a negrinha fallou-lhe uma e duas vezes, sem que ella ouvisse coisa nenhuma; foi preciso chamal-a terceira vez, alterando a voz:

— Nhandá!

— Que é?

— Sinhá volla está esperando para jantar.

Destá vez, levantou-se e foi jantar. D. Antonia contou-lhe as novidades de casa; Clara referiu-lhe algumas reminiscencias da rua. A mais importante foi o encontro do doutor Severiano. Era assim que se chamava o homem que viuos na loja da rua da Quitanda.

— É' verdade, disse a mãe, temos de ir á casa do Mathias.

— Que massada! suspirou Clara.

— Tambem você tudo lhe massa! exclamou D. Antonia. Pois que mal ha em passar uma noite agradável, entre meia duzia de pessoas? Antes de meia noite está tudo acabado.

Este Mathias era um dos autores da situação em que o Severiano se achou. O ministro da justiça era o outro. Severiano viera do norte entender-se com o governo, ácerca de uma remoção: era juiz de direito na Parahyba. Para se lhe dar a comarca que elle pediu, tornava-se necessario fazer outra roca, e o ministro disse-lhe que esperasse. Esperou, visitou algumas vezes o Mathias, seu comprovinciano e advogado. Foi alli que uma noite encontrô a nossa Clara, e ficou um tanto namorado della. Não era ainda paixão; por isso fallou ao amigo com alguma liberdade, confessou-lhe que a achava bonita, chegaram a empregar entre elles algumas galhofas maduras e innocentes; mas afinal, perguntou-lhe o Mathias:

— Agora fallando serio, você porque é que não asa com ella?

— Casar?

— Sim, são vivos, podem consolar-se um ao outro. Você está com trinta e quatro, não?

— Feitos.

— Ella tem vinte e oito; estão mesmo ajustinhos. Valen?

— Não valen.

Mathias abanou a cabeça: — Pois, meu amigo, lá namoro de passagem é que você não pilha; é uma senhora muito seria. Mas, que diabo! Você com certeza casa outra vez; se hade cair em alguma que não mereça nada, não é melhor esta que eu lhe affianço?

Severiano repelliu a proposta, mas concordou que a dama era bonita. Vinva de quem? Mathias explicou-lhe que era vinva de um advogado, e tinha alguma cousa de seu; uma renda de seis contos. Não era muito, mas com os vencimentos de magistrado, n'uma boa comarca, dava para pôr o cen na terra, e só um insensato desprovaria uma tal pipe-neira.

— Cá por mim, lavo as mãos, concluiu elle.

— Pódes limp'al-as á parede, replicou Severiano rindo.

Má resposta; digo má por inútil. Mathias era serviçal até ao enfado. De si para si entendem que devia casal-os, ainda que fassse tão difficil como casar o Grão Turco e a republica de Veneza; e n'uma vez que o entendia assim, jurou cumpril-o. Multiplicou as reuniões íntimas, fazia-os conversar muitas vezes, a sós, arranjou que ella lhe offerecesse a casa, e o convidasse tambem para as reuniões que dava ás vezes; fez obra de paciência e tenacidade. Severiano resistiu, mas resistiu pouco; estava ferido, e caíu. Clara, porém, é que não lhe dava a menor animação, a tal ponto que se o ministro da justiça o despachasse, Severiano fugiria logo, sem pensar mais em nada; é o que elle dizia a si mesmo, sinceramente, mas dada a differença que vai do vivo ao pintado, podemos crer que fugiria lentamente, e pode ser até que se deixasse ficar. A verdade é que elle começou a não perseguir o ministro, dando como razão que era melhor não exharir-lhe a boa vontade; importunações estragam tudo. E voltou-se para Clara, que continuou a não o tratar mal, sem todavia passar da stricta polidez. A's vezes parecia-lhe ver nos modos della um tal ou qual contrangimento, como de pessoa que apenas supporta a outra. Odio não era; odio, porque? Mas ninguém obsta uma antipathia, e as melhores pessoas do mundo podem não ser arrastadas uma para a outra. As maneiras della na loja vieram confirmar-lhe a suspeita; tão secca! tão fria!

— Não ha duvida, pensava elle: detesta-me; mas que lhe fiz eu?

Entre ir e não ir á casa do Mathias, Severiano adoptou um meio termo: era ir tarde, muito tarde. A razão secreta é tão pueril que não me animo a escrevel-a; mas o amor absolve tudo. A secreta razão era dissimular quaesquer impaciencias namoradas, mostrar que não fazia caso della, e ver se assim... Comprenderam, não? Era a applicação daquello pensamento, que não sei agora, se é oriental ou occidental, em que se compara a mulher á sombra: segue-se a sombra, ella fugo; fugo-se, ella segue. Creancicos de amar, — ou para escrever francamente o pleonasmio: creancicos de creança. Sabe Deus se lhe enton esperar! Mas esperou, lendo, andando, mordendo o bigode, olhando para o chão, chegando o relógio ao ouvido para ver se estava parado. Afinal foi; eram dez horas, quando entrou na sala.

— Tão tarde! disse-lhe o Mathias. Esta senhora já tinha notado a sua falta.

Severiano comprimeo o frontão, mas a vinva, que olhava para elle de um modo obliquo, conheceu que era affectação. Parece que sorriu, mas foi para dentro; em todo o caso, pediu-lhe que se sentasse

ao pé della; queria consultal-o sobre uma cousa, uma toima que tivera na vespera com a mulher do chefe de policia. Severiano sentou-se tremulo.

MACHADO DE ALMEIDA.

(Continúa.)

POESIA

A JANELLA DE JULIETA

Esta é a alegre janella perfumada
Onde a noite ella a meia se reshum;
Eis o vaso de flores, — a estimalda
Violeta murcha, a dália purpurina.

Essa odorosa essencia delicada
Vem d'esta mobil planta peregrina,
Que o nuro vinga, o peboril domina,
Em tarja, aerea, caprichosa escada.

Quando a lua destoa-se brilhante,
Parte primeira perda formosa
D'estes vidros no fulgido diamante;

E que enlevo, meu Deus, que a vista gosa
Vendo oscillar na encura elegante
Das cortinas a tonna vaporesa.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Lyceô de Artes e Offícios

No dia 19 do corrente, perante selecta e numerosa reunião de seculares e cavalleiros, realisou-se no Imperial Theatro D. Pedro 2.º a distribuição solenne dos premios aos alumnos e alumnas do Lyceô de Artes e Offícios que mais se distinguiram no anno proximo passado.

O theatro estava magnificamente ornado e por cima do arco de bocca liam-se em larga tóla as memoraveis palavras com que abre a parte official do Barão de Amazonas sobre o combate naval de Riachuelo:

« Não fizemos tudo quanto desejavamos, mas fizemos tudo quanto podiamos. »

Em grandes escudos liam-se os nomes dos principaes protectores da benemerita instituição.

A's 8 1/2 horas chegou S. M. o Imperador e, obtida a devida voz, o Sr. Conselheiro Victorino de Barros pronunciou um primoroso discurso analogo ao acto.

Fallaram ainda o Sr. Dr. Bandeira Filho e o distincto escriptor Sr. Guilherme Pellegrini. De sua bellissima oração, correctá e aprimorada, praz-nos transcrever o seguinte eloquente trecho:

« Para a Sociedade Propagadora das Bellas Artes é, na verdade, gratissimo haver instituido, desde 11 de Outubro de 1881, o ensino que ha de preparar a mulher para ser — no recinto do lar domestico e na lucta pela existencia — aos filhos, ligio e exemplo; aos paes, arrimo e consolo; ao esposo, auxilio e amparo, e a almejar para si independencia, dignidade, virtude; porquanto, sendo a mulher o primeiro guia, o primeiro mentor dos filhos, a instrução ministrada ás mães revertirá em beneficio da prole. E dest'arte, pela acção efficiente da mulher sobre a mentalidade da infancia, ir-se-hão desvendando novos horizontes ás gerações porvindouras. »

Em seguida fez S. M. entrega dos premios conferidos aos alumnos.

Terminou esta notavel festa litteraria e humanitaria com um bem escolhido concerto vocal e instrumental.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 29 de Janeiro de 1884.

Comecamos hoje pelos theatros; pois que pelos theatros se vive e se brigon todos estes ultimos dias.

Eu gosto, de resto, de fallar dos theatros. E' um assumpto divertido, interessante sempre.

E' gosto ainda mais e sobretudo de ouvir fallar do theatro e brigar pela arte.

Isto dá-nos um ar de quem possue realmente um theatro e ama a arte. E' consola da realidade.

D'esta vez então, que entron em scena o Conservatorio dramatico declarando publicamente exercer as suas funcões, isto é, ter feita certa, substituídas phrases, suprimidos ditos em mais de uma peça que passa pelas suas salas candelinas.

D'esta vez então, era para liar-se de todo convicto, imbalavelmente convicto de que nos temos um effeito theatro.

Que o Estado se preoccupa seriamente da questio e que faz tudo quanto pode pelo desenvolvimento das letras, do gosto...

Que tem ali, ao pé da Academia de bellas-artes, junto do Conservatorio de musica, uma escola de arte dramatica, com um curso de declamação e boa pronuncia, funcionando regularmente.

Que entre os membros do Conservatorio figuram distinctos, uns dramaturgos, outros grandes comediographos, outros traductores de grandes obras, todos finalmente tendo feito alguma cousa em bem de theatro.

Que o governo subvencione o theatro.

Que o Estado possua theatros seus. E que nos vivemos, enfim, no melhor dos mundos.

Infelizmente estamos longe, muito longe de tudo isso.

O governo nada, absolutamente nada tem feito pelo theatro; acha que é dispensavel, inutil mesmo.

Não tem nem mesmo, como tantas provincias, um edificio seu.

Eu podia mesmo dizer que, aoavez de auxillar o theatro, o governo o prejudica.

Os membros do Conservatorio que nada faz, cujas lundias são reformadas pela policia, sobrecarregados entretanto as empresas publicas obrigadas a fornecerem-lhes cadeiras gratis.

Mais d'uma peça approvada pela Censura é interdita pela policia.

Ainda agora com o *Mantram* se deu o facto expisito. A peça passou mesmo a uma e n'outra entrada a primeira representação assistiam membros da policia, e deviam assistir membros do Conservatorio.

O espectáculo correu sem reclamação.

Uns tiram, outros não gostaram, alguns se mostraram indifferentes; mas nem a policia, nem a Censura reclamaram.

Mas a critica reclamou contra certas figuras e contra um dito, uma expressão; as censas azelaram-se mesmo um pouco; a Censura foi acusada.

E vem o Sr. João Carlos dizer-nos que o dito maldicado, que o dito immoral, o celebre "rabelho" que elle o havia cortado "muito bem cortado".

Mas então o que quer isto dizer? E a policia que tudo pede?

Mas a policia realmente pode prohibir o que o conservatorio consente: se pode restabelecer o que o conservatorio riscou. Porque não acabar então de uma vez com esta instigação inútil, prejudicial.

E' o que em pergunta no muito tempo.

O Conservatorio e uma instituição impossivel, como estão as censas.

Quer o governo ter censura theatral?

Trate de crear o theatro, comece por ter um edificio. O Conservatorio virá depois, pois que tanto o querem.

A Revista de 1883 é de certo escripta francamente; mas em tendo visto peor mesmo nos nossos theatros.

Esta expressão, de que tanto barullo se fez, vem empregada n'uma outra peça; *A Extrema de carne*, se não me engano, se foi representada no S. Luiz. Ah! é mesmo discutida.

Quanto a nota de por em scena pessoas embebedas, ella nada tem de nova.

Na revista que foi, ha annos, representada na Phenix parecia o conselheiro Saldanha Marinho.

E finalmente, n'estas cenas de theatro, como nas outras, tudo vai assim como na Revista.

Agora se querem reformar, acho muito, mas n'este caso reformamos tudo. Reformemos o povo, reformemos a imprensa...

Reformemos tudo emfim.

Agora, quer a leitura uma noticia do que é este tão discutido mandarin.

E simples.

Quando sobe o panno de boca, vê-se o do fundo, que é letreiro e destacando-se sobre elle o congresso de todos os males, que os dois autores dizem affligir o Rio de Janeiro.

Acompanhado do barão de Craxup, chega de Londres o mandarin Tehim Tehan-Fa, que quer conhecer o Rio de Janeiro. E acto continuo, é apresentado a politica que é quem preside o congresso.

Elle faz destilar diante da hospede todo o seu estado maior; o secreto, a febre amarella, o espicira, o jagador de tranquilla, *cacote*,... e a *cacote*.

O chim que tem por esposa uma jararaca de crimes apaixonada se joga *cacote*, a qual tem no mesmo tempo rir e chorar.

Estão ali os elementos da opposição, em que repousa o outro dos tres actos dos Srs. Arthur Azevala e Saupain.

N'esta nota o mandarin percorre grande parte do Rio de Janeiro, hotéis, theatros, escriptorios de jornaes, as ruas mesmo, trata com muitos typos embebedos da nossa sociedade e ceceira muitos acontecimentos do anno passado.

O plano é assaz intelligente; ha typos que estão realmente bem caricaturados; e alguns dos factos mais comicos do

anno que passou são recordados com graça e fazendo rir as vezes.

Us trochos de musica são tirados dos melhores autores. O scenario é assaz enlaidado.

E alguns papéis foram bem desempenhados.

O primeiro acto é um pouco frio, mas o segundo e o terceiro fazem rir e rir.

Agora é a Revista uma obra para passar a posteridade, para ficar eterna, servindo de typo?

Não de certo.

Nem os autores, em creio, tiveram esta pretensão.

Ainda pelos theatros.

A empresa das Novidades deu-nos a *Mulher-Fisco*, traducção d'um colligo o Sr. H. Chaves de la Glu de Richepin.

La Glu foi representada este anno em Paris no Ambigu, sendo um grande successo, no meio de muito barullo e de muita discussão.

As opiniões dividiram-se.

Certas criticas não podem soffrer uma palavra da *Glu*; outros veem no drama uma valente tentativa. E d'ahi as queellas.

Não suscita quem quer discussões.

Regra invariavel, uma obra que se discute não sabe jamais d'um espirito vulgar.

Richepin é, com effeito, uma personalidade, que conquistou em bem pouco tempo o seu lugar a parte.

E' um bom letrado, instruido, um amoroso de angot da população, apaixonado do vigor e não deobsta o paradoxo.

Pertence a classe dos tribuns da litteratura, como Barbey d'Aureville. A sua *Chanson des gueux* é d'uma modernidade archaica.

Tem sons de cobre nos versos.

A sua prosa de romancista affecia bonhomia, detalla-se em phrases curtas, de benções estudadas e termos raros e bizardos, onde se encontra o fallar do povo e a linguagem sentillante.

No drama, é ainda o mesmo escriptor.

O interesse da *Glu* reside não no fundo, que não é novo, mas na maneira pittoresca, na linguagem repleta de trivialidades. O que chocou n'elle não é o assumpto, mas as palavras arriscadas, pois nada é mais artificial e moral.

Uma rapariga galante de Paris cabe de repente sobre uma praia bretona; e ali se enamora d um pescador de lagostas, joven e bem delineado.

Es uma paixão pouco ordinaria, realmente, e que vale a pena estudar.

Como pode o amor estabelecer entre duas creaturas tão differentes no espirito, nos habitos, nos gostos?

Qual será a marcha da sua paixão? Em effeitos contrarios provocara ella n'estas almas dissimilhanças?

U um lado seria preciso mostrar curiosidades ardentes d'uma rapariga se apaixonando pouco a pouco por um rustico que devia repugnar-lhe a principio.

Do outro, o rustico rendendo-se gradualmente aos encantos da corrupta, cujos refinamentos e maneiras não podiam subjugal-o logo.

Elle não pode esperar que em virtude d'uma longa fermentação sensual, trazida pela desocupação e solidão, ligar-se a um rapaz de albeia, grosseiro, sujo, selvagem e braseo.

O rapaz do mesmo modo não é atraído como o filho da cidade pelo odor da vida e todos esses sortilegios da galanteria mundana e prefere naturalmente a rapariga san, corada, da sua condição.

Elle esperara tirar prazeres novos; desenvolvendo he progressivamente as suas inclinações; surprehendera os seus sentidos; mergulhara-o a um bando de vicio de que ella não podera salir.

Perverter a uma criança, a sua perversidade será sempre innocente, como era innocente a sua virtude.

Do mesmo modo, o enlaidado pescador de lagostas *viscado*

não perde nada da sua candura caindo na algibeira de um amor em torno d'elle, mas elle respira como d'outro.

O que deve acontecer é facil por de prover.

Elle tora depressa esquecido o seu romance rusticos e desambargara do empanto, outra vez uma apaixonada envidosa se encolhira em rancorosas bebeluras.

Havia de certo aqui materia para um drama que se tratasse contra do *Dijous* e *Chloe*.

Mas approvou-se d'ella o actor? Aprofundou com o monstruoso idylho? Foi-n'o descer por uma firme, subtil analyse ao coração do assumpto assaz fecundo.

Infelizmente não.

Era precisa simplicidade e elle recorreu as enquadras romancesas e simplidões tudo isso.

A *Glu*, foia mas enfeitante, causada das honras de Paris onde me desmoldado queria dar-lhe o seu nome, e enfiar-se em Covisre, perto de Quevedo.

Petro está ao seu alance; ella enfeitava-o, empiscava-o, ponto d'elle vingar a propria má.

E ao mesmo tempo que tem o pescador de todo eula enquadra uma intriga em um velho gentilhommom, o que justamente o avô e tutor do seu ammorado de Paris, e tudo a Quevedo por causa d'ella.

Tudo se descobre, o ammorado teima em desposala e não quer; apparece o seu marido que a repudia. Elia tem em allivar-se de Pedro, a mim d'este mata a.

Em bem entretanto traduzida e esta representada certo cuidado a *Mulher Visco*.

D. J.

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878
 Medaille d'Or Croix de Chevalier
 LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

OLEO DE QUINA

E. COUDRAY

ELEGANTE E PLENO PARA A FOR. COCORA DE UBELEDO
 Recomendamos este producto, considerado pelos Celebidades Medicas pelos seus principios de Quina, como o mais poderoso regulador que se conhece.

Artigos Recomendados:

PERFUMARIA de LACTEINA

Recomendada pelas Celebidades Medicas.

GOTAS CONCENTRADAS, para o Leuço.
 ALUA DIVINA, dita Agua de Saude.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cateletricas de America

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia

FRANCEZA e BRASILEIRA

ESPARTILHOS

Mesdames DE VERTUS Irmãs

PARIS - 12, rua Auber - PARIS

O nome de Mesdames de Vertus é universalmente conhecido graças as suas maravilhosas espartilhos de uma corte sempre perfeita e de extrema elegancia. Esta casa, a prioria de Paris, é patrocinada pelas senhoras da alta sociedade da Europa e da America.

MACHINAS DE COSTURA

Grande numero de nossas senhoras nos consultam a respeito da compra sempre difficil de uma boa machina de costura. Nos apresentamos em recommendação as celebres Machinas da Casa D. BACLE, 56, rua do Bac, em Paris.

Esta casa possui um grande sortimento de Machinas americanas; e a unica proprietaria da *Pedal Magico*, motor hygienico privilegiado e premiado com uma medalha. O feiz resultado d'esta soberba machina não tem precedentes e impoz a nossa recommendação. Para mais amplas informações aconselhamos que se recorra.

O Catalogo Illustrado, Casa D. BACLE, 46, rua do Bac, Paris.

XAROPE de IODURETO de FERRO

INALTERAVEL

BLANCARD

Como os typos de podoes tomar do bom Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard, em lugar das Pilulas que não podias engolir!

O Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard possui as seguintes propriedades: 1.º É extremamente preparado para os Crianças e Pessoas que têm difficuldade em tomar medicamentos sob a forma de pilulas. 2.º DEVE-SE EXIGIR A ASSIGNATURA BLANCARD

Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE

Composto de RR.PP. Trapeiros

Menção Honrosa na Exposição Universal Internacional PARIS 1878

Os principios reconstituentes da Semolina são obtidos no mesmo tempo pela purgão natural dos melhores cereaes, e das suas naturas de leite e vacca não tendo soffido alteração alguma.

Espec-se apparatus espectaes muito applicaveis, tanto para evaporar o soro do leite e misturalo com a farinha, como tambem para dar a esta massa uma forma de grantas que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é recommendado pelas suas miltiplas medichas as pessoas fracas, aos Convalescentes, as Crianças, as Amas de leite, as pessoas que tem o estomago enfiado, a Peito delidido e todas applicas de constituição debeladas, com a certeza de dar-lhes um remedio effezaz.



Pl. 562.

ISSI. N.º 2.

A ESTAÇÃO.

Jornal illustrado para a familia

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 15, Paris.

HYGIENE

(Continuação)

As leis civis de responsabilidade devem ser bem conhecidas e firmes, assim também, no processo criminal da vida social, deve a honra dos indivíduos, membros de uma sociedade, ser bem protegida...

Devesse que o adulto quando chega ao fim da vida mostra-se com uma certa melancolia, que tem alguma analogia com a que se observa em estado de infância...

É esta um ponto para o qual se deve chamar a atenção de todos.

Será feliz a plebeia, moral e intelectual, consequência de uma educação laboriosa, já longa e já fructuosa, para a descoberta da economia, que fundamenta a vida? Será pela prosperidade da diversa propriedade informada aos laços vivos, tão vivos a liberdade, a condicionalidade, a permanência? O que se quer e que deseja em, dois ou tres annos, o adulto que se apresenta dos cinquenta annos sente mais ou menos vivamente o peso da idade...

Mulher — Deu de seu lado, antes, se indolente que com a facilidade de ser mãe de família, sendo geralmente mais azeite do que sal para a vida da família, a vida da mãe de família, é a vida da família, a vida da mãe de família, a vida da mãe de família...

observar as melhorias mais diversas, agudas ou chronicas, remittentes ou intermittentes, epileticas ou convulsivas. Todavia, notamos já os sintomas e a natureza dessas affecções...

A epilepsia e a epilepsia aguda, as seu maximum. As melancolias agudas, nem sempre podem ser a causa de epilepsia, em geral, embora cada um dos seus sympt. se pertença, de que em indivíduos de 18 a 25 annos, e em affecções chronicas não se possuem tão facilmente nos indivíduos de infância e juvenis.

Outro tanto não podemos dizer das epilepsias agudas.

EDADE DE MELLINACAO

DE 5 A 6 ANOS

De não temer mais do que a estabilidade sobre a honra e a mulher relativamente a arte de viver.

A educação da mulher, formada terminou. Os filhos serão educados. Por sua vez, a estabilidade familia. A vida de honra será mantida. A vida de honra será mantida. A vida de honra será mantida...

Dr. Ricardo C.

MODAS

O CHALE

Não se contenta com a vida, de ordinario, de indolente e de caprichosa, não temo, assim, a vida de chales.

Em estado de chales, de ordinario, de indolente e de caprichosa, não temo, assim, a vida de chales.

Em estado de chales, de ordinario, de indolente e de caprichosa, não temo, assim, a vida de chales.

Em estado de chales, de ordinario, de indolente e de caprichosa, não temo, assim, a vida de chales.

Além disso, se quiserem fazer uma lista da importância de tal material, deve ter-se em conta a importância de tal material, deve ter-se em conta a importância de tal material...

De não temer mais do que a estabilidade sobre a honra e a mulher relativamente a arte de viver.

De não temer mais do que a estabilidade sobre a honra e a mulher relativamente a arte de viver.

LIVPINHO DE FAMILIA

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

Estimamos profundamente a vida de honra e a mulher relativamente a arte de viver.

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia FRANCEZA e BRASILEIRA

FRANCEZA e BRASILEIRA

ESPARTILHOS

Mestlames DE VERTUS Irmãs

Paris - 12, rua Auber - Paris

Os vestidos de Modas de Vertus e suas irmãs, são os mais elegantes e mais modernos...

MACHINAS DE COSTURA

Compre o numero de todas as machinas de costura, de todas as marcas, de todas as qualidades...

EXPOSITION UNIV 1878 Medaille d'Or Croix de Chevalier LES PLUS HAUTES RECOMPENSES

AGUA DIVINA E. COUDRAY DITA AGUA DE SAUDE

Recomendada para o tratamento de todas as doenças...

Artigos Recomendados: PERFUMARIA de LACTEINA

GOTAS CONCENTRADAS, para o Coração, OLEOCOME, para a Doença do Coração...

Semolina NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE Composto PELOS do Ministerio de Port-au-Saint Mencion Honoraria PARIS 1878

De preferencia reconstituinte da Semolina são os melhores alimentos...



O PEDIDO EM CASAMENTO

LITTERATURA

TRINA E UNA

(Continuação)

Não nos importa a materia da consulta; era um pretexto para conversação. Severiano demorou o mais que pôde a solução pedida, e quando lhe deu, ella pensava tão pouco em ouvir-a que não sabia já de que se tratava. Olhava então para o espelho ou para as cortinas; creio que era para as cortinas.

Mathias, que os espreitara de longe, veio ter com elles, sentou-se e declarou que trazia uma denuncia na ponta da lingua.

— Diga, diga, insistiu ella.

— Digo? perguntou elle ao outro.

Severiano então, e não respondeu logo, mas, teimando o amigo, respondeu que sim. Aqui peço perdão da trivialidade e da impertinencia do Mathias; não heide inventar um homem grave e habil só para evitar uma certa impressão ás leitoras. Tal era elle, tal o don. A denuncia que elle trazia era a da partida proxima do Severiano, mentira pura, com o unico fim de provocar da parte de D. Clara uma palavra amiga, um pedido, uma esperanza. A verdade é que D. Clara sentiu-se penalizada. Que? ia-se embora? e para não voltar mais?

— Afinal serei obrigado a isso mesmo, disse Severiano: não posso ficar toda a vida aqui. Já estou ha muito, a licença acaba.

— Vê? disse Mathias voltando-se para a viuva.

Clara sorriu, mas não disse nada. Entretanto, o juiz de direito, entusiasmado, confessou que não iria sem grandes sandades da Corte. Levarei as melhores recordações da minha vida, concluiu.

O resto da noite foi agradável, Severiano saiu de lá com as esperanças remocadas. Era evidente que a viuva chegaria a aceitá-lo, pensava elle consigo: e a primitiva ideia do odio era simplesmente insensata. Porque é que lhe teria odio? Podia ser antipathia, quando muito; mas nem era antipathia. A prova era a maneira porque o tratou, parecendo-lhe mesmo que, á sahida, um aperto de mão mais forte... Não jurava, mas parecia-lhe...

Este periodo durou pouco mais de uma semana. O primeiro encontro seguinte foi em casa della, onde a visitou. Clara recebeu-o sem alvoroço, ouviu-lhe dizer algumas cousas sem lhe prestar grande attenção; mas, como no fim confessou que lhe doia a cabeça, Severiano agarron-se a essa razão para explicar uns modos que traziam ares de desdem. O segundo encontro foi no theatro.

— Que tal acha a peça? perguntou ella logo que elle entrou no camarote.

— Acho-a bonita.

— Justamente, disse a mãe. Clara é que está aborrecida.

— Sim?

— Scismas de mamãe. Mas então parece-lhe que a peça é bonita?

— Não me parece feia.

— Porque?

Severiano sorriu, depois procurou dar alguns das razões que o levavam a achar a peça bonita. Em quanto elle fallava ella olhava para elle abanando-se, depois os olhos amorteceram-se-lhe um pouco, finalmente ella encostou o boque aberto á boca, para bocejar. Foi, ao menos, o que elle pensou, e pôdem imaginar se o pensou alegremente. A mãe approvava tudo, porque gostava do espectáculo, e tanto mais era sincera, quanto que não queria vir ao theatro;

mas a filha é que teimou até o ponto de a obrigar a ceder. Ceden, vein, gostou da peça, e a filha é que ficou aborrecida, e ansiosa de ir embora. Tudo isso disse ella rindo ao juiz de direito; Clara mal protestava, olhava para a sala, abanava-se, tapava a boca, e como que, pelia a Dens que, quanto menos, a não destruir o universo; lhe levasse aquelle homem para fora do camarote. Severiano percebeu que era de mais e saiu.

Durante os primeiros minutos, não soube elle o que pensasse; mas, afinal, recapitulou a conversa, considerou os modos da viuva, e concluiu que havia algum namorado.

— Não ha que vér, é isto mesmo, disse elle com sigilo; quiz vir ao theatro, contando que elle viesse; não o achando, está aborrecida. Não é outra cousa.

Era a segunda expliação das maneiras da viuva. A primeira, odio ou aversão natural, foi abandonada por inverosimil; restava um namoro, que não só era verosimil, mas tija tudo por si. Severiano entendeu desde logo que o unico procedimento correcto era deixar o campo, e assim fez. Para escapar ás exhortações do Mathias, não lhe diria nada, e passou a visitá-lo poucas vezes. Assim se passaram cinco ou seis semanas. Um dia, viu Clara na rua, comprimentou-a, ella fallou-lhe friamente, e foi andando. Vin-a ainda duas vezes, uma na mesma loja da rua da Quitanda, outra á porta de um dentista. Nenhuma alteração para melhor; tudo estava acabado.

Entretanto, appareceu o despacho do Severiano, a remoção de comarca. Elle preparou-se para seguir viagem, com grande espanto do amigo Mathias, que imaginava o namoro a caminho, e cria que elles haviam chegado ao periodo da desicção. Quando soube que, não era assim, caiu das nuvens. Severiano disse-lhe que era negocio acabado; Clara tinha alguma aventura.

— Não creio, reflexionou Mathias; é uma senhora severa.

— Pois será uma aventura severa, concordou o juiz de direito; em todo caso, nada tenho com isto, e vou-me embora.

Mathias refutou a opinião, e acabou dizendo que uma vez que elle recusava, não liria mais nada, — excepto uma cousa unica. Essa cousa, que elle não disse o que era, foi nada menos que ir directamente á viuva e fallar-lhe da paixão do amigo. Clara sabia que era amada, mas estava longe de imaginar a paixão que o Mathias lhe pintou, e a primeira impressão foi de aborrecimento.

— Que quer que lhe faça? perguntou ella.

— Peça-lhe que reflita e veja se um homem tão distinguido não é um marido talhado no côo. En não conheço outro tão digno. . .

— Não tenho vontade de casar.

— Se me jura que não casa, retiro-me; mas se tiver de casar um dia, porque não aproveita esta occasião?

— Grande amigo é o senhor do seu amigo.

— E porque não seu?

Clara sorriu, e apoiando os cotovellos nos braços da poltrona, começou a brincar com os dedos. A teima começava a impudenciar-lhe. Era capaz de ceder, só para não ouvir fallar mais nisto. Afinal agarron-se á impossibilidade material; elle vai para uma comarca interior, ella nunca sahiria do Rio de Janeiro.

— Tal é a duvida? perguntou o Mathias.

— Parece-lhe pouco?

— De maneira que, se elle aqui ficasse, a senhora casava?

— Casava, respondem Clara olhando distrahiadamente para os pingentes do lustre.

Distração do diabo! Foi o que a perdeu, porque o Mathias fez daquella resposta um protocollo. A questão era alcançar que o Seyeriano ficasse, e não gastou dez minutos nessa outra empreza. Clara apunhada no laço, fez boa cara, e aceitou o noivo sorrindo. Tratou-o mesmo com taes agrados que elle pensou nas palavras do amigo; acreditou que, em substancia, era grandemente amado, e que ella não lizera mais do que ceder aos pontos.

Mas essa terceira razão era tão contraria á realidade como as outras duas; — nem ella o amava, nem lhe tinha odio, nem amava a outro. A verdade unica e verdadeira é que ella era um modelo acabado de inercia moral; e, casou para acabar com a importunação do Mathias. Casaria com o diabo, se fosse necessario. Severiano reconheceu isso mesmo com o tempo. Uma vez casada, Clara ficou sendo o que sempre fora, capaz de gastar duas horas n'uma loja, quatro n'um canapé, vinte n'uma cama com o pensamento em cousa nenhuma.

MACHADO DE ASSIS.

POESIA

A MÃE

Tinha uma graça infada... uma estranheza
Na cor do rosto fina e desmaiada;
Um toque d'ouro na immorttal belleza...
E a noite — enfim — dos olhos estrellada!

Uma gorda creança pendurada
A' mama chupa em langue morbidez,
E entre a epala e o rubor de aurora acoceza
Sabe-lhe o bico da bocca entreceirada.

Uma das mãos já tumida e vermelha
Suspende e abraça o filho; a outra simelha
Na branqueira, que um leve azul tempera,

Obra d'arte, que um ebim pintasse em louça,
Emquanto dentro — em cada olhar da moça —
Canta, ri, nada em luz uma Chimera.

L. DELFINO.

(Conheço e peço-lhe)

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 7 de Fevereiro de 1884.

Chegou definitivamente a epocha em que, cada um e todos se põem ao fresco.

A' hora em que eu escrevo esta chronica, — inutil de consultar o almanach — ja todas as ussas de gaites subiram a secca.

Certo que, todavia, sempre em busca de melhor, algumas, fingiram, escape arames.

Tamã para Filburgo.

Outras para Petrópolis.

Estas para Teresopolis.

Aquellas para Barbacena.

Quem e crescenha, para Matto Grosso, para o fim do mundo.

Só na Chris é que não está ninguém, o Rio de Janeiro está finalmente em toda a parte excepto no Rio de Janeiro.

Os seus trinta e quatro contingidos afugentaram as mais intrépidas curiozas.

A Corte está portanto vazia.

Reinventados os que a esta hora, longe da rua do Ouvidor e livros das mizerias do Dr. Freire, respitam as colubanderas e sadias brisas das montanhas.

Aqui, esta novamente insupportavel o calor.

En dem, auto-bombas de Filburgo, e subo seguramente depois d'amanha para Petrópolis.

A villa como a cidade merecem ambas uma visita especial do cronista.

Presumptivamente portanto me occuparei da luxuosa e agradável cidade imperial.

Hei, e de Filburgo e da villa friburgoense que vou entreter as leitoras da Estacão.

Fallemos pois, se a leitora apraz, da encantadora fresca e villa friburgoense.

Da villa friburgoense, sim, Filburgo têm de certo a sua vida propria e muito aprazível até.

Vida que se anima, que se expande cada anno, durante a estação calmosa, com o concurso dos passeantes que ali affluem.

Das passeantes, ou melhor dos *provisórios*, como diz o illustre conselheiro Galvão, na sua manifestação de sympathia aos padres salesianos que festejaram Friburgo. Em vão já fallar dos taes palmas.

Villa corren entretanto um grande perigo a vida friburguense, durante a estação que passa

Em via perditionis.
Palavra que tive serios receios.
Quizeram, com effeito, tirar a Friburgo esta sua boa vida alegre e prazenteira.

Pretenderam matar-lhe toda a alegria, embutar-lhe todo o bello humor.

Para chegar a este sacrilegio, mandaram vir do grande deposito de Santa Rosa padres salesianos para catechisar Friburgo.

E na esperança d'uma boa e rendosa toquia, partiram pressurosos os padres, consignados ao Dr. juiz de direito e com a recommendação *Frágile*.

Recebidos de braços abertos, alojados principescamente, tratados a vela de libra e a licor finissimos, tendo bella cama, bom agrado e bons bocacidos, os salesianos acreditaram-se os donos da terra.

E começaram a sua obra de propagação, catechese e pescaria d'almas penadas.

Foi como se sobre a villa um grande, immenso corvo desfraldasse as suas negras e enormes azas.

Uma transformação completa se produziu nos usos e costumes da gente de Friburgo.

A villa foi sujeita a um novo regimen: os padres mudaram tudo.

Foram-se as suas bellissimas e perfumadas manhaes, cheias de alegres passatempos e brilhantes de risonhas creanças que brincavam em bandos.

As suas frescas tardes amenas tornaram-se longas, aborrecidas, fastidiosas.

Friburgo não passava mais; não tinha tempo para divertir-se; todas as suas horas estavam tomadas pelo novo regimen imposto pelos salesianos.

O programma dos padres era o mais completo, enchia todo o sauto dia:

As cinco horas da manhã, á porta da matriz no releito, expostos á garça, as creanças aprendiam o catechismo e applaudiam constipações.

Respondiam quantas eram as pessoas da santissima trindade e espiravam.

Falhavam, quando respondiam bem, um registro, e sempre um furioso resfriamento.

Dentro da matriz, estava o povo grande, um povo que devia já ter mais um pouco de juízo.

Havia canticos sagrados choramingados, missas, praticas, confissões e communhão.

A igreja era poeireira para tanta beatice.

Os confissionarios não chegavam para todas as confes-sandas; Friburgo estava toda ali.

A tarde, as quatro horas, recomeçavam os canticos sagrados, havia confissão e sermão com raios, insolencias e ameaças das foguetas do inferno.

Jamais palavras de perdão, de amor e de misericordia como as tinha Jesus.

Mas sempre ao contrario, a ameaça do inferno, a praga de colera e de impiedade.

Dos pregadores que ou ouvi, nenhum prega as verdadeiras e santas doutrinas do Christo; mas um amontoado de incoherencias e estalices indignas de serem ditas para uma sociedade policiaes como a de Friburgo.

E os padres eram entretanto mmaes, queridos, mimoscaidos, adulados.

Vendo, uma tarde, a igreja menos repleta do que de costume, o celebre Camillo encolerizou-se e ameaçou o povo de Friburgo.

"O povo herege, o povo atien que não estava ali na igreja, ouvindo a *palavra de Deus*, porque na vespera, havia estado a ouvir galanteios, a um baile de estudantes pedantes."

A palavra de Deus! E uaravillioso.

E ficou tudo a tremer de medo, e foi tudo confessar-se; o foi tudo ouvir missa, communhar... etc.

Continuou a catechese sempre florescente, e as devotas cada vez mais beatas.

Os passeios ficaram desertos, acabaram-se as excursões a Village, as romarias a milagrosa fonte do Suspiro.

Friburgo já nem se purga mais: dizia Joaquim Serra, com a sua boa malicia.

Reserva-se na igreja.

A respeito d'agua, só a agua beita era permitida, as outras todas vitandadas.

Uma excepção apenas, por muito empunho do Sr. Eboli para as devotas obrigadas a ducha.

Sub conditane porém de passeio de ração depois da ducha, ser feito lendo as orações da missa e alguns canticos sacros.

Era preciso ver a procição!

Ver livros de missa sauriram em Friburgo com os padres! Verdadeiros *in-folio grossos* como o abismak Laemmert.

Finalmente, *companys, noças*, etc. tudo fanatismo, tudo em linha recta para o céu, sem mesmo a mais pequenina escala pelo purgatorio.

E, o que é peor, tudo triste, tudo funebre, tudo sarumbático, tudo merencorio.

As almas as mais primavrescas de Friburgo pareciam ter perdido a noção de viver.

A imaginação, a phantasia, os sonhos, tudo isso de appareceu como nos contos de fada e nas legendas allemes!

Infundiram a carolie em todas as noças e até mesmo nas crianças.

E ella corren gotta a gotta como um leproso subtil e corrosivo, esterchando as illuzões e deixando morrer os rosas.

De todas as cambras, de todas as freccas de todas essas deliciosas ignorancias da mulher já não resta mais nada a friburguense.

Ella é catholica, apostolica, romana... e salesiana.

Os padres ensinaram-lhes que a vida é uma coisa muito grave.

Que é preciso pois não ser alegre.

Que nos vivemos a um verdadeiro vale de lagrimas, de engenheiros pedantes e não ha pois nenhuma razão para rir.

Que os prazeres e as esperanças não podem jamais occupar-se com as responsabilidades e as inquietações d'uma costura sujeita as molestias e nos peccados.

Que assim pois as jovens devem ser graves, rebochadas, economicas e temente a Deus.

Que ellas devem sobretudo não levantar os olhos senão para o Altissimo.

Porque, Deus, minhas filhas e meus queridos irmãos, não perdoas senão aquellos que vivem no seu seio.

E está ali a boa Friburgo; triste, funebre, eyprestosa... Os bullos olhos das friburguenses não olham mais nem para as estrellas do céu nem para os rapazes da terra.

Tão lamentavel estado de cousas não podia de certo prolongar-se eternamente.

Era preciso um deslenhace de toda essa santarice imprudida por alguns padres sem sinceridade nem educação e alguns jesuitas precisando de duellas frias na cabeça.

Os padres, os proprios salesianos se encarregaram de fornecer a solução.

Insolentes como todos os missionarios e crendo-se completamente senhores da villa, insistiram nas suas insolentes allusões aos sexto-amistas da Polytechnica, ali em exercicios praticos.

E tanto gritavam contra os rapazes que nem sequer frequentavam a igreja.

Tanto alludiram aos seus trabalhos, que de nada valem, ás suas causas azues.

Tanto os chamam de pedantes o pregador já corrido de outro pulpito.

Que os rapazes decidiram pôr um termo á eloquencia atrevida do pescador d'almas n'aguas turvas.

Quem semear ventos collehe tempestades diz o velho adagio.

E os salesianos começaram por colher, na verdade, uma tempesta como de segunda não ha exemplo em Friburgo.

Nunca se ouvira tamanho barulho, tão forte troar na pequena villa.

A população atordoada quiz ver.

Eramos esculpturas armados de zabumbas, tambores, caixas, grossas sinetas que atordoavam Friburgo e os ouvidos do salesiano Haim.

Os rapazes queriam, exigiam antes uma satisfação de tudo quanto no pulpito se havia gritado contra elles.

O salesiano quiz furtar-se a uma promieça cabal e peremptoria.

Reestroudu cada vez mais forte o zabumba, retiniram as sinetas, etc.

O padre tudo prometteu, e que dentro d'algumas horas, do mesmo pulpito e pelo mesmo insolente Camillo Bareil satisfaria a sua promessa.

Cumpria elle a sua palavra?

Não iria a igreja?

Era a grande questão que atormentava o espirito publico de Friburgo, que eu jamais vira tão quente.

E que de scenas comicas, sauto Deus, se passaram no teu sauto templo.

Como Jesus eu teria encoltado todos aquelles salesianos que enchiam a sua igreja.

O sauto padre Camillo, jesuita como são todos da cailla, começou falando a sua palavra.

Sophismando, inventando que tambem fora insultado, fugio a satisfação até que as cousas se encreparam sobremodo:

Vendo fugir tão surretamente o pregador ao cumprimento da cabal promessa, o Dr. Froulin, director da turma dos estudantes, que é homem ás direitas, reclamou energicamente a satisfação:

— Sem a qual d'aqui não salimos.

Apoalhols, bravos... Tumulto, apitos, desmaios, gritos, syncoques no campo feminino.

Algumas devotas mettem-se a valente e queriam ir a vias de facto, atirando-se contra os estudantes.

O pregador veulo que corria perigo achou prudente descer do pulpito e na escadeler-se...

O conselheiro Galvão *provisorio*, bradava no povo de Friburgo que se armissse e encoltasse a pau os estudantes da Escola de que, elle se envergouha de ser director.

Vim a forpa acendindo ao apito, e como são apenas tres pragas tudo por junto, julga do seu dever recoller-se a quartes.

Grande algazarra, discussões... O salesiano reconheceu finalmente que estava em minoria, e que o exercito do saias era impotente a defendel-o, tornou no pulpito e d'ali choramingando a satisfação exigida.

O promissionario cahiram assim no ridiculo do modo o mais semioo possivel e desvaneceram-se finalmente de que não eram tão donos da terra quanto tinham pensado.

A população, que vio tudo isso, acabou por tomar o partido dos rapazes.

Longe de, seguindo o conselho do provisorio, armar-se e correr a pau os estulantes, fez-lhe as brilhantes manifestações de sympathia.

No mesmo dia houve musica, discursos, vivas... E o baile dois dias depois.

Homenagem do Camillo friburguense aos sexto-amistas da Escola Polytechnica... o baile foi o ultimo que se fez logo nos impostos do padre.

A propaganda contra a festa foi realmente muito activa.

Devotas e devotas podiam que ninguém comparasse ao brilhante divertimento.

Mas o grande salão do hotel Salusse encheu-se de Friburgo tinha de mais selecto como o provisorio.

Do lugar concorreram quasi todas as familias de mais importantes. E a despeito das boatas que se em suas casas a rosar, a festa durou animada e divertida até os gallos não cantarem mais no poleiro.

O estylo do sobretudo, foi cheio de graciosas e muito engenhosas.

Eu pude distinguir da Clete, os provisórios, e o conselheiro Galvão, mais d'uma belleza celebre:

A Exma. Sra. D. Zu Sadre estava elegantissima e corpinho cor de rosa e vestido branco.

A Exma. Sra. D. F. Leão da Cunha, d'uma distincção, elegancia de rainha, trajava uma bella toilette cor de d'um talhe realmente artistico.

A juvenzita e graciosa Arzila E. Macedo, encantara a vida a igreja.

Uma joven viuvada, de lucto ainda, chamava as sações de todos:

As Exmas. Sras. DD. Elvira Teixeira, Olympia A. Ruler... a joven Barreto... Um exaume finalmente de alegres figuras, animadas pelo prazer da dança, deslizar rapido da valsa.

Esta ali como Friburgo se salvou enfim dos salesianos e da sua catechese: dansando, valsando.

Eu encanta de resto com isso.

Nada com effeito, eu sei, sauz tanto o sexo encanta quanto a dança.

E com muita razão!

Como fica bella e elegante a mulher dansando. Ha um molle valsar como que um desprendimento da terra, aspiração para o céu, para os astros, que lie da alconza de anjo.

Um antigo rifão computa em tres os mais bellos encolos da natureza:

Um navio de velas enfumadas.

Um cavallo a galopar.

A mulher valsando.

Friburgo d'ausou, está portanto salvo.

A vida recomeçou com effeito ali, bella e alegre a saluda dos salesianos. Tudo renasceu; voltaram as sações alegres e perfumadas, voltaram as tardes prazenteiras, enfim.

Esses abaixo-assignados que para ali andavam, e valem; são de duas familias apenas, e até creança e guaran.

Imaguem que a villa aprasivel está cheia de gente a passeio; e apenas tivemos uma assignatura d'um *provisorio* conselheiro Galvão.

E, em summa, os padres foram-se as pequenas intrinseca familia hão de passar, e Friburgo a boa villa alegre, encantadora e aprasivel, fresca e deliciosa voltou a ser d'antes era.

J. D.

BIBLIOGRAPHIA

Alberto de Oliveira, auctor de um estimado livro de *Cantões romanticos*, e collaborador dos mais disto deste periodico, acaba de brindar-nos com um exemplar de *Meridi nates*.

Este recente livro divide-se em duas partes: *Sanctas* offerrecida ao Dr. Ferreira de Araujo, e *Por montes e mares* dedicada á memoria de Arthur de Oliveira, o incomparavel *causeur*, o espirito trabalhado e incoerenteavel que para ter adoptado por divisa esta palavra de Shakspeare, o poeta tomou para epigraphie:

Por montes e vales, por montes e vales!

Agora essas, trazem as *Meridiantes* outra recodação, que não é somenos: uma introdução do Dr. M. de Assis, apurada e completa, justa e oportuna, de decidem do futuro de um poeta, porque são sinceras e posto lie de um título que as acendimentos não lie com não seria doubt como os doutores de pergaminho, que é verdade é que a sua carta tem o sello grão Apollo e transitou pelo Parnasso n'uma data que os não precisar e que é a mesma da publicação das *Christas*.

Dizemos agora de Alberto de Oliveira o do seu novo Substancialmente, é o mesmo poeta, commovido, etc.



O MENUETE NA CORTE DE IUIZ XIV

zinas, naturalmente fortes e satisfactorias; não se dominam o poeta, — affirmam.

O artista, esse, excedeu-se a si próprio; trabalhava melhor e verso do que o trabalhava antigamente; mas não são rebaixadas as suas rimas, nem revelam a freima inútil de um fríio versojar tardio e apoucado. Alberto, nas *Méridionales*, sim, a todas, pelo menos a maior parte das composições, soube dar esse não sei que, um como um definitivo, obra mais do artista que do poeta, que as fará rir e admirar, não já a um grupo, não já a nós, mas a quem vierem depois de nós. Nelle se verifica a desajuda, e aliás tão rara, união do homem e do escriptor; mas fôe completa, tão íntima, tão acabada que se pode dizer que o artista é um simples camouso ao serviço do poeta.

A maior parte das composições, diz o apreciador, são quadros feitos com outra intenção mais do que fixar um momento "na sua poesia"; e estas poucas palavras resumem todo o livro.

Talvez, cumpre acrescentar que em geral os aspectos não são novos; ha delles boa copia em quasi todas as collecções poéticas; auctor das *Méridionales*, porém, sabe um largo conhecimento de haver pelas haver cantado de um modo novo, original, característico. A natureza é um pedão common a poeta observa com maior ou menor nitidez com mais ou menos verdade, com maior ou menor somma de talento.

Vede-me, por exemplo, a *Torrente*, que me parece dar a medida exacta do valor litterario do auctor.

Da terra azul brota um fio de agua viva, que se espalha pelas escarpas, retorce-se mais adiante, enghraça n'uma curva, cresce, augmenta-se, avoluma-se, salta, enfurece-se, convulsa-se, rage, precipita-se e despeza-se na campina transformado em rio caudaloso e estrepitante. Este é o assumpto, e isto diz-o de um modo melhor do que em, porque o diz em verso.

Para um outro poeta, a composição encheva-se aqui mesmo, e podia erir que encheva um bella trecho descriptivo.

O quadro era completo, e encha-se; frouva lio sempre no fundo um resalio de vulgaridade, a que magistralmente fugiu o Sr. Alberto de Oliveira fechando-o com estes concellosos versos:

Es valle, esmã, teneudo a crystallina
Abra, se mata o em odo, se purga
A torrente corria, e mo a mangia
E os dorcas alga
Ho me amos que se torce a fôrça
Canta a agua vibrando de modo fôrça
Pode, esse a fôrça, de aqua, de mangia
Que me lio, esse, de fôrça.

A impressão final que me deixou este livro, passa tranquilliza em verso e em verso das mesmas *Méridionales*; direi dellas a quem diz a poeta das vezes de uma mulher:

Uma donna me dentro, e de me a corolla
Vozes me alia a fôrça.

O illustrado Sr. Dr. Estanilo Monte Furtado descriptivo, nos um exemplar de *Ellego historico a Visconde do Rio Branco*, pr ferido por S. S. na augusta penhora de S. M. o Imperador, em nome da Sociedade Arredadora da Industria Nacional. Lenos com muito prazer este commoencio estudo sobre o notavel promotor da fôrça e patria e enviados os nossos parabens ao Sr. Dr. Estanilo Monte.

Temos os nos. 1 e 2 de 15 e 31 de Janeiro p. p. da *Mãe de Família*, jornal scientifico litterario, que emleou a seu sexto anno de existencia. Este jornal, destina-se a representar a familia do papel de mães, de moças e de costureira; habilita as mães n. po. a mesma, trataram de suas filhas, nas molestias ligadas a peculiaris a infancia, e principalmente os extremos e cuidados que lhes deve merecer a sua saude, os meios de que devem lançar mão nos casos graves, de modo tal que, si a presenca do medico tornar-se representavel, tanta elle apenas de continuar o tratamento iniciado, e iniciado criteriosamente. Como mestre, não é menos importante, nem menos proveitosa e seu papel; submetera a sua apreciação o que de mais notavel e pratico tem estabelecido os educadores, tanto os maderos como os antigos, sobre a educação materna, que deixara sempre, por assim dizer, um vazio no caracter da creanga, de qual depende todo o seu futuro e que substitue na verdade a base da vida do homem. Por ultimo, como jornal de modas para a infancia, a *Mãe de Família* chega a dispensar a costureira e realiza uma commoda consideravel para as suas assignaturas. Os numeroes que temos a vista inserem interessantes artigos sobre *Pharmacia de urgencia, a Tistica e os tisticos, Plantas na sala, o Ar, Pustula na igua, e carbunho, Pensamentos sobre educação, Banhos gerais as creanças, o Contenario do Sr. Sempreviva, ephata amolla do Sr. Dr. Fries de Almeida*, e trazem um figurino colorido, uma lista de moldes e respectivos explicações.

AS NOSSAS GRAVURAS

O pedido em casamento

A naturalidade da scena caspestre que representa a moderna tela do celebre pintor Defregreer seduziu-me a ponto de deliberramos reproduzila para as bellas da *Est. de*. Estamos convencidos de que, como a nós, commoerã as nossas jovens leitoras e meos porque lio representado um episodio sempre interessante e de grata commoerã nas familias. Ha semprez a scena de impetrio para pedir a mão viviva a filha da familia, a mão de sua de suas filhas para o seu rapaz, que o commoerã. A honrada familia impressa no resto de velho commoerã, o trando commoerã do noivo, a alegria que transborda das faces da noivada.

que se pudor mal... expressão de fingido surpreso... familia, a real surpreso... expressão do fríio... bello quadro, meros de que não... não tratado... illustrada...

O mimete do Conte de Logz XIV

Estamos em pleno estudo do Livro, no tempo de... Em um dos seus... dança da moda... observam a commoerã... mimete era simples, grave, nobre e gracioso. A vida... mulher formosa... D. Juan d'América... em viagem... Barchina... dança... alta sociedade.

Fabrica
SABÃO DE COSMYDOR
F. Godfriaux
FABRICANTE CHIMICO
COSMYDOR
Agua
Toucaador
BALSAMICA
AROMATICA
HYGIENICA
Sem Vinagre
nem
nenhum Acido
REGNIER
Fabriz
PERFUMES
Chimicos
FABRICA A LEVALLOIS-PERRET
D. ponto Geral
PARIS, 53, Boulevard Sebastopol, 53, PARIS



GUERLAIN DE PARIS
PERFUMARIA DE LUXO
PARIS, 15, rua de la Paix, 15, PARIS

ARTIGOS RECOMMENDADOS:
AGUA de COLONIA IMPERIAL.
SAPOCETI, Sabonete de Toucaador.
AMBROSIAL CREAM, Crema Jacosina para a Barba.
CREME de MORANGOS, para amaciar a pelle.
POS de CYPRIS, para branquear a Tez.
STILBOIDE, para a barba e a pele.
AGUA ATHENIENSE e AGUA LUSTRAL, para perfumar e lavar a Cabeça.
AGUA de CIDRA e AGUA de CHYPRE, para o Toucaador.
ALCOOLATO de COCHLEARIA, para a Bocca.

PERFUMES PARA LENÇO:
BOUQUET MARIA-CHRISTINA.
PAO-ROSA.
BOUQUET de CINTRA.
HELIOTROPE BRANCO.
BOUQUET IMPERIAL RUSSO.
EXTRACTO IMPERIAL do BRAZIL.
EXPOSIÇÃO de PARIS.
PERFUME de FRANÇA.

PILULAS DE BLANCARD
APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS
Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.
40
Muito Donaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma effeicaz naturã
Thiãa contra a Anemia, Chlorose e todos
os casos em que se trata de combater a
Pobreza do Sangue.

DIGESTÕES ARTIFICIAES
VINHO Bi Digestivo **CHASSAIN**
PEPSINA - DIASTASE
AGENTES NATURAES E INEXHAUSTIVEIS DE DIGESTÃO
20 ANNS DE SUCCESSO
DIGESTÕES DIFFICILIS ou INCOMPLETAS,
DÔRES DE ESTOMAGO, DISPEPSIAS,
GASTRALGIAS, PERDA DO APPETITE e das FORÇAS,
EMMAGRE LIMENTO, CONSUMPCÃO,
CONVALESCENÇAS LENTAS, VÔMITOS, etc.
PARIS - 6, Avenue Vendôme, 6 - PARIS

MOLESTIAS NERVOSAS
XAROPE de FALIERES
de Bromureto de Potassio
PARIS - 6, Avenue Victoria, 6 - PARIS

Alimentação Racional
das CRIANÇAS, MULHERES e DOENTES
e CONVALESÇENCIAS
PHOSPHATINA FALIERES
Alimento Completo
GRAVIDEZ - AMAMENTAÇÃO - ABLACTAÇÃO
MOLESTIAS DA INFANCIA
PARIS - 6, Avenue Victoria, 6 - PARIS



Pl. 563

1884, Nr. 3.

A ESTAÇÃO.

Jornal ilustrado para a família

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 15, Paris.

